

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

EDCLEYTON BRUNO FERNANDES DA SILVA

**A FORMAÇÃO DA AUTORIA NA PRODUÇÃO COLABORATIVA NA CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO NO BRASIL**

João Pessoa/PB

2017

EDCLEYTON BRUNO FERNANDES DA SILVA

**A FORMAÇÃO DA AUTORIA NA PRODUÇÃO COLABORATIVA NA CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza.

João Pessoa/PB

2017

S586f Silva, Edcleyton Bruno Fernandes da.
A formação da autoria na produção colaborativa na ciência da informação no Brasil / Edcleyton Bruno Fernandes da Silva.- João Pessoa, 2017.
87f.
Orientador: Edivanio Duarte de Souza
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA
1. Ciência da informação - Brasil. 2. Produção científica.
3. Produção individual. 4. Produção colaborativa. 5. ENANCIB.

UFPB/BC


CDU: 02(81)(043)

EDCLEYTON BRUNO FERNANDES DA SILVA

**AFORMAÇÃO DA AUTORIA NA PRODUÇÃO COLABORATIVA NA CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO NO BRASIL**

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de mestre, em 20/01/2017.

BANCA DE DEFESA


Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza – PPGCI/UFPB (Orientador)

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Neto– PPGCI/UFPB


Profa. Dra.– Francisca Rosalene Leita Mota – ICHCA/UFAL

*À minha família. Meus pais **Ernanes** e **Josely**, que sempre me incentivaram a buscar o melhor da vida através dos estudos. Aos meus irmãos **Ernaneskley** e **Rosemberg**, pelo apoio, mesmo que à distância. Ao meu filho **André**, que não sabe ainda, mas participou de muitos momentos dessa empreitada e à minha companheira de sempre **MayllaElicyenny**, que sei que posso contar a todo o momento.*

Esta vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu chegasse até aqui, me dando forças para enfrentar as batalhas que a vida me proporcionou e que sei que me dará também para as que estão por vir.

À Universidade Federal da Paraíba, que concentrou minha formação até aqui, em nível de Graduação em Biblioteconomia e de Mestrado em Ciência da Informação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB e aos seus docentes e funcionários, pelos conhecimentos a mim transmitidos e aos serviços prestados, quando solicitados.

Ao meu amigo, professor e orientador Dr. Edivanio Duarte de Souza, pela confiança em mim depositada e por me orientar. Sei que tem feito da melhor maneira possível, sempre me guiando pelos caminhos mais árduos e, conseqüentemente, melhores. Sentirei saudades das “orientações/confraternizações” que realizamos ao longo dessa jornada, mas sei que, como somos amigos, a relação nem começou, tampouco vai acabar por aqui. Seus conhecimentos foram fundamentais, tanto para minha formação acadêmica quanto para a formação pessoal.

Aos amigos que construí na turma de Mestrado 2015 da UFPB, pelos momentos por quais passamos e sofremos/aprendemos juntos, dentro e fora da sala de aula, em especial a Fabiano Serrano, Luanna Melo, Laiana Sousa, Gabrielle Domingues, Eliane Epifane, Diogo Sampaio, Carla Almeida e Adriana Alves, que foram os que mais rapidamente me aproximei e construí amizades e parcerias fortes.

Às pessoas (anjos) que Deus sempre colocou em minha vida, que não cabem serem citadas nesse espaço, pois muito me prolongaria, mas que colaboraram, direta ou indiretamente, para que este momento fosse concretizado.

“O conhecimento é sempre situado, local e parcial. O objeto desse conhecimento e o seu intérprete não existem de modo independente”
(**SOUZA**, 2015, p. 97).

RESUMO

A diversidade de formação dos pesquisadores presente na Ciência da Informação sinaliza para o complexo processo de produção colaborativa de conhecimentos. Nesse sentido, aborda a produção colaborativa no campo da Ciência da Informação no Brasil, buscando, especificamente, identificar as autorias da produção colaborativa e caracterizar a formação dos coautores que produzem de forma colaborativa. Nessas condições, esta pesquisa busca analisar as implicações da formação da autoria na produção colaborativa na Ciência da Informação. Para tanto, foi mapeada a produção colaborativa, para posteriormente identificar as autorias da produção colaborativa na Ciência da Informação, caracterizar a formação dos autores e então apontar os efeitos da autoria na produção colaborativa em Ciência da Informação. A pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva, de cunho quantitativo-qualitativo, referente às implicações da formação da autoria na produção colaborativa na Ciência da Informação. O universo da pesquisa correspondeu ao conjunto de comunicações produzidas por mais de um autor, apresentadas no ENANCIB. A amostra se referiu à produção apresentada nas edições XIII, XIV, XV e XVI. A pesquisa teve, portanto, como sujeitos os pesquisadores da produção colaborativa no campo da Ciência da Informação, compreendidos nas publicações do ENANCIB, realizadas entre os anos 2012 e 2015. O levantamento foi realizado nas bases do repositório *Benancib – Questões em Rede*, que indexam e armazenam as comunicações realizadas nos ENANCIB. Complementarmente, na caracterização da formação da autoria, foi realizado levantamento documental, nos currículos dos autores na *Plataforma Lattes* CNPq e, quando necessário, foi verificado, nos sites dos PPGCI's recomendados pela CAPES, obtendo maiores informações sobre a formação dos pesquisadores. Os resultados mostram o total de 1.265 comunicações, sendo 264 realizadas de forma individual e 1.001 de forma colaborativa. Além disso, em média, foram produzidas por edição 316 comunicações, sendo 66 comunicações individuais e 250 comunicações em colaboração. Foi identificada na produção em colaboração a participação de pesquisadores com formações múltiplas e diferentes titulações. Os resultados evidenciam que, das nove grandes áreas que compõem a *Tabela de Áreas do Conhecimento* da CAPES, oito estão presentes na formação da autoria da produção em colaboração da Ciência da Informação analisada. Percebe-se que apenas a grande área *Multidisciplinar* não aparece na pesquisa. Em contrapartida, observa-se que todas as outras grandes áreas compreendem áreas que possibilitam aproximações com a Ciência da Informação. É possível observar que a grande área que tem maior destaque na produção são as *Ciências Sociais Aplicadas*, na qual foi possível encontrar 16 formações. Isso se deve, em certa medida, à proximidade de objeto em relação a algumas disciplinas, como a Arquivologia, Biblioteconomia, Comunicação e Museologia. Além dessas, outras duas grandes áreas tem participação considerável na produção da Ciência da Informação, a partir da formação dos autores, são elas: as *Ciências Exatas e da Terra* e as *Engenharias*. A partir do mapeamento e da caracterização das formações presentes possibilitaram a constatação de dois efeitos da autoria na produção em colaboração em Ciência da Informação, a saber, o *efeito interdisciplinar* e o *efeito da colaboração entre formações distintas*, sendo que o primeiro interfere no segundo.

Palavras-chave: Produção Científica. Produção Individual. Produção Colaborativa. Ciência da Informação. ENANCIB.

ABSTRACT

The diversity of the training of the researchers present in the Information Science signals to the complex process of collaborative production of knowledge. In this sense, it approaches the collaborative production in the field of Information Science in Brazil, specifically seeking to identify the authorship of collaborative production and characterize the formation of the co-authors who produce in a collaborative way. Under these conditions, this research seeks to analyze the implications of the formation of authorship in the collaborative production in Information Science. For that, collaborative production was mapped, to later identify the authorship of collaborative production in Information Science, to characterize the authors' formation and then to point out the effects of authorship in the collaborative production in Information Science. The research is characterized as exploratory and descriptive of quantitative-qualitative aspects regarding the implications of the formation of authorship in the collaborative production in Information Science. The research universe corresponded to the set of communications produced by more than one author, presented in ENANCIB. The sample referred to the production presented in editions XIII, XIV, XV and XVI. The research had, therefore, as subjects the researchers of the collaborative production in the field of Information Science, included in the publications of ENANCIB, carried out between the years 2012 and 2015. The survey was carried out in the bases of the *Benancib repository - Network Issues*, which index and store the communications made in ENANCIB. Complementarily, in the characterization of the authorship formation, a documentary survey was carried out, in the curricula of the authors in the *Platfor Lattes* of the CNPq and, when necessary was verified, in the sites of PPGCI's recommended by CAPES obtaining more information about the formation of the researchers. The results show the total of 1,265 communications, of which 264 were performed individually and 1,001 collaboratively. In addition, on average, 316 communications were produced by editing, being 66 individual communications and 250 collaborative communications. The participation of researchers with multiple degrees and different degrees was identified in the collaboration production. The results show that, of the nine large areas that make up the *Table of Areas of Knowledge* of CAPES, eight are present in the formation of the authorship of production in collaboration of the analyzed Information Science. It is noticed that only the large *Multidisciplinary* area does not appear in the research. In contrast, it is observed that all other large areas comprise areas that allow approximations with the Information Science. It is possible to observe that the great area that has more prominence in the production is the *Applied Social Sciences*, in which it was possible to find 16 formations. This is due, to a certain extent, to the proximity of objects in relation to some disciplines such as Archivology, Librarianship, Communication and Museology. Besides these, two other major areas that have considerable participation in the production of Information Science from the authors' formation are the *Exact and Earth Sciences* and the *Engineering*. From the mapping and characterization of the present formations, it was possible to verify two effects of the authorship in the production in collaboration in Information Science, namely, *the interdisciplinary effect* and *the effect of the collaboration between distinct formations*, the first interfering in the second.

Keywords: Scientific Production. Individual Production. Collaborative Production. Information Science. ENANCIB.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formação de autores das comunicações apresentadas na 13ª edição do ENANCIB	64
Quadro 2 - Formação de autores das comunicações apresentadas na 14ª edição do ENANCIB	66
Quadro 3 - Formação de autores das comunicações apresentadas na 15ª edição do ENANCIB	68
Quadro 4 - Formação de autores das comunicações apresentadas na 16ª edição do ENANCIB	70
Quadro 5 – Formações por edição na produção científica da Ciência da Informação	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção individual e produção colaborativa na 13ª edição do ENANCIB	58
Gráfico 2 – Produção individual e produção colaborativa na 14ª edição do ENANCIB	58
Gráfico 3 – Produção individual e produção colaborativa na 15ª edição do ENANCIB	59
Gráfico 4 – Produção individual e produção colaborativa na 16ª edição do ENANCIB	60
Gráfico 5 – Produção individual e produção colaborativa nas edições do ENANCIB	61
Gráfico 6 – Dinâmica das comunicações nas edições do ENANCIB	62
Gráfico 7 – Grandes áreas do conhecimento na produção científica da Ciência da Informação	71

LISTA DESIGLAS E ABREVIATURAS

ASK	Anomalous State of Knowledge
C&T	Ciência e Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FID	Federação Internacional de Informação e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia
IID	Instituto Internacional de Documentação
PPGCI	Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	17
2.1	O Contexto Histórico e a Gênese da Ciência da Informação.....	18
2.2	Fundamentos da Ciência da Informação.....	24
2.3	Campo Científico e Objeto de Estudo.....	28
3	PRODUÇÃO COLABORATIVA DE CONHECIMENTO.....	33
3.1	Caracterizando a Produção Colaborativa.....	34
3.2	Autoria e Coautoria.....	37
4	A FORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	42
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
5.1	Tipo de Pesquisa.....	52
5.2	Universo e Amostrada Pesquisa.....	53
5.3	Organização e Sistematização dos Dados.....	54
5.4	Análise e Discussão dos Dados.....	55
6	RESULTADOS DA PESQUISA.....	57
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
	REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação surge, de acordo com Saracevic (1996), no contexto da revolução técnica e científica, após a Segunda Guerra Mundial e em consonância com a emergência de novos campos interdisciplinares, tendo como centralidade o desenvolvimento de soluções para os problemas relacionados à explosão informacional. Associada à tecnologia, ela ganha força entre as décadas de 1950 e 1960, pela capacidade estratégica do controle informacional na relação com a moderna indústria de informação, até então, com a preocupação fortemente centrada na diminuição de uma das principais características relacionadas à informação, a saber, a insegurança.

Tendo como referência a complexidade dos problemas informacionais e, por conseguinte, a produção em colaboração, os estudos iniciais da Ciência da Informação têm como escopo os diversos componentes da indústria da informação, entre os quais se destacam produtos, sistemas, redes e serviços. Com efeito, o conjunto de tecnologias e metodologias desenvolvidas em diferentes campos de conhecimento e setores da sociedade se alia à Ciência da Informação, especificamente, por intermédio da Recuperação da Informação.

Com o processo evolutivo, a Ciência da Informação é, cada vez mais, caracterizada pela ampliação de estudos e processos e tecnologias de tratamento, organização, armazenamento e disponibilização da informação, agora de forma especializada, porém integrada, na medida do possível, a diversos campos do conhecimento.

Além dessas condições gerais do objeto de estudo, a diversidade de pesquisadores, direta e/ou indiretamente, envolvidos sinaliza para um constante e complexo processo de produção colaborativa de conhecimentos. Ocorre que, em torno desses processos e dessas tecnologias, desenvolve-se um aglomerado de pesquisadores com formação em diferentes áreas do conhecimento.

Nesse contexto, destaca-se a possibilidade de construções colaborativas que, em um grau de cooperação entre distintas áreas de conhecimento, resulta em práticas interdisciplinares. Esse movimento de produção interdisciplinar cresce na medida em que a Ciência da Informação se apresenta como fruto de diferentes práticas profissionais na busca de soluções para os problemas da organização de conhecimento registrado, em sentido estrito, e na comunicação entre os seres humanos e a resolução de problemas sociais, em sentido amplo.

A partir desses contextos amplos e específicos, observa-se que a Ciência da Informação é resultado da produção intelectual plural, desde as áreas com as quais estabelece

relação por aproximação de seus objetos de estudo, à formação da sua comunidade de pesquisadores. Por outro lado, evidencia-se também certa dificuldade em estabelecer a identidade disciplinar de seu campo científico.

Pressupõe-se que essa identidade específica da Ciência da Informação surge a partir de um conjunto de aspectos técnico-científicos, que evoluíram historicamente para suprir necessidades da sociedade, dando início à sua formação no campo do saber. Nesse sentido, destacam-se as atividades realizadas pela comunidade científica, espaço em que a autoria, sobretudo, em coautoria, na produção colaborativa, sobrepõe-se como processo de evolução do conhecimento científico, notadamente presente na Ciência da Informação. Com efeito, os indivíduos que atuam nesse domínio multidisciplinar convivem com a diversidade de áreas, formações e titulações, que podem acarretar implicações diversas na produção colaborativa.

Essa identidade específica surge como aspecto característico singular nesse campo científico, abrindo caminhos para que os pesquisadores de diversas áreas, como a Engenharia, a Computação, a Sociologia, entre outras, busquem espaço na Ciência da Informação, com formações distintas, trazendo consigo muitas teorias e metodologias do seu campo de origem. A diversidade de disciplinas que interagem com a Ciência da Informação é apresentada como relações disciplinares e, algumas delas, podem resultar em produções interdisciplinares.

O Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), evento que agrupa toda a comunidade da Ciência da Informação no Brasil, contempla essa relação disciplinar entre vários campos do conhecimento, visto que os participantes do evento têm formações distintas, oriundos de graduação em Administração, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Computação, História e Museologia entre outros, e têm objetivo comum, isto é, a realização da Pós-Graduação em Ciência da Informação.

O evento configura-se como resultado de produção colaborativa pela capacidade de abrangência de documentos com autoria colaborativa, e pressupõe que a Ciência da Informação esteja caracterizada pelas relações disciplinares do conhecimento. Surgem então os questionamentos: quem são os autores da produção colaborativa da Ciência da Informação? Quais as formações dos autores na Ciência da Informação? Em síntese, *quais as implicações da formação da autoria na produção colaborativa no campo da Ciência da Informação no Brasil?*

No campo da construção do conhecimento científico, destacam-se as atividades realizadas pela comunidade científica, em que a autoria colabora para o processo de evolução do conhecimento científico. Os indivíduos que atuam nesse campo possuem, além das diferentes áreas, que produzem com a Ciência da Informação, formações e titulações diversas,

que podem acarretar várias implicações na produção colaborativa. Nesse contexto, é oportuno destacar, a partir de Pombo (2003), que a produção interdisciplinar na ciência compreende os contextos epistemológico, pedagógico e midiático, tendo como proposta reunir pessoas com diferentes perspectivas, mas com um objetivo comum e, como finalidade, a produção em colaboração.

É notório que a produção científica em Ciência da Informação tem abarcado pesquisadores de diversas áreas do conhecimento na sua produção científica. É importante compreender e analisar quais os impactos da presença desses múltiplos pesquisadores, principalmente no contexto da formação da autoria na produção. Para isso, é importante mapear a produção colaborativa no campo da Ciência da Informação no Brasil, para compreender como tais características podem acarretar em benefícios e/ou obstáculos para o crescimento da Ciência da Informação, sobretudo, na pesquisa e produção científica.

Também merece destaque a participação da coautoria da produção na Ciência da Informação, uma vez que estes também são responsáveis diretamente pela produção científica colaborativa. Compreender os contextos ideológicos e de construção de identidades na Ciência da Informação são importantes para delinear os caminhos das pesquisas e, conseqüentemente, colaborar com a construção do seu campo científico.

A hipótese levantada é que a produção científica tenha sua maior parte concentrada na formação de origem dos autores nos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia pelo fato de que os cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação concentram-se em instituições que contemplem estes cursos e, sobretudo pela relação de proximidade entre essas áreas pela complexidade do objeto da Ciência da Informação.

Essa pesquisa lança olhar sobre as implicações da formação dos pesquisadores na produção colaborativa e constitui uma possibilidade de avanço na melhor compreensão de um dos principais fundamentos da Ciência da Informação, isto é, a produção científica interdisciplinar. Não obstante a sua relevância, esse domínio de pesquisa, segundo Pinheiro (2005) e Souza (2011), apresenta-se bastante carente e descoberto de pesquisas específicas. Esses estudos têm sido realizados em poucos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) brasileiros.

Muitos pesquisadores têm se dedicado a tais estudos e, embora de forma gradativa, essa discussão ganha espaço na Ciência da Informação, pela sua complexidade como objeto de estudo e das relações disciplinares que se inserem no campo. A partir de então seu processo de consolidação ganha visibilidade nas discussões como área do conhecimento e, concomitantemente, na construção do seu campo científico.

Nessas condições, esta pesquisa busca analisar as implicações da formação da autoria na produção colaborativa na Ciência da Informação. Para tanto, tem como especificidades:

- Mapear a produção colaborativa no campo da Ciência da informação no Brasil;
- Identificar as autorias da produção colaborativa na Ciência da Informação;
- Caracterizar a formação dos coautores da produção colaborativa na Ciência da Informação; e
- Apontar os efeitos da autoria em colaboração na produção científica da Ciência da Informação.

Para isso, a presente dissertação organiza-se em sete seções. A primeira, introdutória, contextualiza à temática estudada, de forma abrangente, com a elaboração da problemática, estabelece a relevância por intermédio da justificação da pesquisa e traça os objetivos a serem alcançados.

A segunda seção apresenta um panorama da Ciência da Informação, a partir de referenciais que estabelecem os seus fundamentos, expõe seu objeto de investigação e sintetiza o seu campo de estudo. Mostra o contexto histórico-conceitual do seu desenvolvimento e do seu objeto de estudo, apresentando as principais correntes teóricas que cobrem os referenciais teóricos da área, bem como os principais autores da literatura científica nesta área da Ciência da Informação.

A terceira seção situa através de diferentes referenciais o processo de produção em colaboração, conceituando a produção colaborativa, bem como os atores desse processo, autor e coautor. Mostra as características e conceitua a produção colaborativa, bem como a forma como se apresenta uma produção em colaboração. Autoria, coautoria e colaboração são definidas em diversas perspectivas e abordagens teórico-conceituais.

A quarta seção apresenta o processo de formação em Ciência da Informação, descrevendo em referenciais o processo de crescimento, evidenciado pela abrangência do seu campo de estudo interdisciplinar. Explana o processo de constituição disciplinar da Ciência da Informação, tendo por base a sua característica interdisciplinar, a partir de sua consolidação com fundamentos nas correntes teóricas de sua origem e formação.

A quinta seção expõe os procedimentos metodológicos e as técnicas de pesquisa que serão adotados para atingir os objetivos propostos. Optou-se pela pesquisa bibliográfica, tendo como material analisado a produção em colaboração, publicada nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), nas edições XIII, XIV, XV e XVI, entre os anos de 2012 a 2015, coletadas na base de dados *Benancib*.

A sexta seção mostra os resultados e a discussão da pesquisa, conforme os objetivos e as metodologias propostos. Percebeu-se a participação de pesquisadores com diferentes formações; algumas consideradas próximas e outras distantes do campo da Ciência da Informação, mas se conseguiu encontrar relações entre as disciplinas na produção científica, através do objeto de estudo da Ciência da Informação comum com as áreas de origem dos respectivos pesquisadores.

Por último, na sétima seção, são expostas algumas considerações sobre os efeitos da produção colaborativa em Ciência da Informação, a partir dos resultados obtidos. Dois efeitos são apresentados, bem como as implicações desses na produção científica colaborativa na Ciência da Informação.

2 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação, que tem como principal fundamento responder às questões informacionais, tem se apresentado no contexto da discussão sobre a sua identidade, trazendo, cada vez mais, elementos tecnológicos, para buscar soluções de problemas. No entanto, em sua epistemologia, mostra-se na relação entre disciplinas que apresentam limites próximos, principalmente no que diz respeito ao conceito de informação que cada disciplina apresenta, tornando-se, dessa forma, complexa, e impulsionando o debate sobre as inter-relações entre as disciplinas.

Seu desenvolvimento teve impulso no *boom* informacional, ocorrido por volta do pós Segunda Guerra Mundial, com a produção em massa da documentação. Nessa perspectiva, surge, de acordo com Santos (1996), o paradigma emergente do conhecimento científico, que tinha como elemento primordial a propagação do conhecimento científico. Aliada aos esforços de organização do conhecimento, desenvolvido pela Biblioteconomia, a tecnologia ganha espaço por proporcionar facilidade na produção e, concomitantemente, na disseminação da informação, uma vez que esta se utiliza da Ciência e da Tecnologia para resolver os problemas informacionais que se apresentam.

Para Borko (1968), a Ciência da Informação consiste em investigar as propriedades e o comportamento informacional, bem como seu fluxo e processamento para tornar o acesso e a usabilidade da informação eficiente. A área emerge de uma relação multidisciplinar entre diversos campos, o que a torna complexa e de difícil definição. O autor ainda destaca que Biblioteconomia e a Documentação têm participações fundamentais em sua constituição, pois cedem técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da Ciência da Informação, além de fornecer *corpus*, que propiciam o tratamento da informação, permitindo que instituições e organizações acumulem e transmitam informação.

Então, três elementos, a Documentação, a Biblioteconomia e as Tecnologias de Informação e Comunicação configuram-se como importantes para o surgimento da Ciência da Informação e as relações de proximidades entre tais, ao mesmo tempo em que colaboram para sua formação. A forma de apresentação da Ciência da Informação aponta, em seu contexto sócio-histórico, para o surgimento de uma ciência que parte da integração entre disciplinas e situa-se na complexidade pela definição do seu objeto de estudo.

As características e os fundamentos da Ciência da Informação surgem de forma a incitar sua formação, mas com relação ao seu campo científico, repulsam sua estruturação pelo complexo objeto a que se reporta. A crescente discussão em torno da sua definição

estabelece sua legitimidade, e ainda é discutida por alguns autores, como Araújo (2014) que busca aprofundar a discussão sobre a sua constituição como campo do conhecimento, ao estender o olhar sobre a identidade da Ciência da Informação, a partir da tríade: limites, elementos e produção.

A discussão sobre as resoluções dos problemas informacionais amplia o leque de observações que a Ciência da Informação proporciona, tanto do ponto de vista epistêmico-discursivo, quanto das transformações sociais, políticas, econômicas e organizacionais, que consegue promover. Sua formação plural abarca categorias, conceitos, teorias, estruturas, métodos, processos e fluxos informacionais, que norteiam disciplinas consolidadas como Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, entre outras disciplinas que se voltam para a informação e constroem pontes para o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia na sociedade.

Essa construção é subsidiada pela informação, que ganha caráter ampliador de horizontes e perspectivas que alimentam toda a gama de disciplinas e, ao conseguirem estar tão próximas, torna-se difícil o delineamento preciso de cada uma, mas que, em certa medida, na produção em colaboração, conseguem integrar-se em um complexo campo de estudo científico.

2.1 O Contexto Histórico e a Gênese da Ciência da Informação

O surgimento de uma ciência ou de uma disciplina, *a priori*, dar-se-á de uma fragmentação, sobretudo, de uma metamorfose ou de uma fusão que arrola, entre outros aspectos, teorias, conceitos, problemas, limites, escopo e abrangência sobre uma determinada temática. A concretização de uma ciência se dá no momento em que suas afirmações são determinadas como verdades, quando as respostas para seu questionamento surgem a partir de “experiências” para a construção científica e conseguem preencher tais lacunas (BACHELARD, 1996).

“A tarefa da filosofia científica é muito nítida: psicanalisar o interesse, derrubar qualquer utilitarismo por mais disfarçado que seja, por mais elevado que se julgue, voltar o espírito do real para o artificial, do natural para o humano, da representação para a abstração” (BACHELARD, 1996, p. 13).

A discussão da origem da Ciência da Informação tem diversos caminhos, notoriamente, Rayward (1997) apresenta como raiz a Documentação, Shera (1980) a trata pelo viés da Biblioteconomia e Saracevic (1996) aborda-a pela visão tecnológica. Em meio a

esse processo de construção, Souza (2015) aponta algumas “indefinições”, quanto a sua origem, bem como algumas abordagens, mas seus princípios teóricos e bases históricas e epistemológicas têm sido, ao longo do tempo, exploradas para ocupar tais “lacunas”.

Para Bachelard (1996), a formulação dos problemas constitui o espírito científico de modo não espontâneo e não construído, mas “é justamente esse *sentido do problema* que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (BACHELARD, 1996, p. 18 grifo do autor).

A Ciência da Informação tem circulado entre diversas vertentes acerca da sua origem e do contexto em que desenvolveram suas estruturas, dentro do rol das ciências. A industrialização, o desenvolvimento que foi proporcionado para a sociedade, à época e a pós-modernidade, têm-se mantido como parâmetros para a construção de uma ciência, que trata da informação e que, até então, não recebia o necessário tratamento, visto a sua importância para o desenvolvimento da indústria, até o fim da Segunda Guerra Mundial (SOUZA, 2015).

Na busca da solução para o problema informacional no pós-guerra, alguns profissionais de áreas distintas se reuniram para resolver as questões da época, dando início ao surgimento da Ciência da Informação. O tratamento dado à informação por documentalistas, como é o caso da ideia defendida por Silva e Ribeiro (2002), na qual a documentação, sugerida por Paul Otlet e Henri La Fontaine semeia a Ciência da Informação.

Paul Otlet, a partir do IIB¹, começou a pôr em prática uma estratégia tendente à compilação de um catálogo universal da informação registrada existente na época, catálogo esse que permitia um acesso por assuntos ao conteúdo informacional dos documentos referenciados, concretizado através da aplicação de um sistema de classificação universal (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 46).

Começam-se então as iniciativas políticas para sua institucionalização, em caráter internacional. No Brasil, as iniciativas para sua implantação se concentram a partir da discussão sobre sua origem em torno da Biblioteconomia, Documentação e Recuperação da Informação, mas que se apresentaram de forma enfática a partir das duas primeiras, segundo Souza (2012). Para o autor, o ponto de culminância para seu desenvolvimento se deu pelas práticas biblioteconômicas e documentárias, na tentativa de desenvolver, no Brasil, um espaço de privilégio, no tocante à Informação Científica e à Tecnológica, propostas, inicialmente, pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que posteriormente se transformaria em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Nesse

¹Instituto de Internacional de Bibliografia (IIB) que passou a ser chamado de Instituto Internacional de Documentação (IID) e que se constitui Federação Internacional de Informação e Documentação (FID).

contexto, “a Ciência da Informação se instaura no país a partir de um movimento de capacitação e atualização dos profissionais que desenvolviam suas atividades nas áreas de Bibliografia e Documentação Científica” (SOUZA, 2012, p. 51), mas que, segundo o autor, a área tem um vínculo muito forte com a Biblioteconomia pela forma de tratamento da informação (conteúdos) e pelo uso das tecnologias de informação, notadamente, relacionadas à Documentação Científica.

Na visão de Silva e Freire (2012), a Biblioteconomia constitui-se importante para o desenvolvimento da Ciência da Informação, pela prática de organização do conhecimento nos procedimentos que desempenha, seja nos processos de “organização, registro e classificação para assegurar a memória da humanidade através de procedimentos voltados para o acesso às informações, ainda que esse acesso, por longo período histórico, estivesse restrito a segmentos sociais específicos” (SILVA; FREIRE, 2012, p. 4). Sua forte contribuição para a organização do conhecimento, na visão dos autores, é exemplificada a partir da Biblioteca de Alexandria, que por volta do século II a. C., tenta reunir, em um único espaço, todo o conhecimento científico humano produzido e materializado até então.

Para Barreto (2002), a tecnologia se caracteriza como fundamental para o desenvolvimento da Ciência da Informação, de forma mais precisa, o autor cravou Vannervar Bush como precursor da Ciência da Informação por desenvolver, em 1945, em seu texto *As we may think*, alguns questionamentos sobre os problemas informacionais que se apresentavam naquela data. Para Barreto (2002, p. 69), Bush apontou uma mudança de paradigma em informação científica e tecnológica, que envolvia “profissionais, instrumentos de trabalho para armazenagem e recuperação da informação” e, de forma específica, “argumentou sobre o desuso das condições teóricas da representação da informação para processamento e armazenagem e recuperação”.

O pontapé inicial para o início das relações interdisciplinares, na Ciência da Informação, é identificado por Pinheiro (2005), no enlace entre a Biblioteconomia e a Ciência da Computação, e na difusão com demais disciplinas para resolver um problema social, e esse processo se torna complexo pela pluralidade de teorias e metodologias, visto que a formação inicial dos autores é oriunda de diferentes campos do conhecimento.

As relações entre disciplinas se dão efetivamente no campo das ciências humanas e sociais, pois essas disciplinas “partem da crença de que por meio da racionalidade científica o pesquisador é capaz de captar a essência do mundo real. Seus artífices, então, reduzem ou simplificam a realidade para encontrar nela constantes que possam auxiliar a compreensão e a explicação do que acontece na vida real” (SANTOS, 2007, p. 54). Dessa forma, a cooperação

e a aplicação teoria e prática de conteúdos (conhecimentos), entre disciplinas, deve colaborar significativamente para as partes envolvidas no processo de inter-relação.

A cultura científica deve, nesse sentido, ser caracterizada pela constante mobilização e pelos questionamentos sobre sua razão para continuar crescendo, relacionado, ao mesmo tempo, as implicações: saber para questionar; questionar para saber. Dessa forma, uma das características da ciência e do conhecimento científico se torna o constante questionamento da sua estrutura e organização, que é considerado como a capacidade de “[...] sair da contemplação do *mesmo* para buscar o *outro*” (BACHELARD, 1996, p. 21 grifo do autor).

Loureiro e Pinheiro (1995) apresentaram algumas fragilidades quanto aos fundamentos da Ciência da Informação, ao ponto de apontarem como características, seu mito de origem, apesar das semelhanças entre outras ciências como a Comunicação, e introduz além da função social, que a informação pode configurar, a junção entre informação e tecnologia como insumo para o desenvolvimento da Ciência da Informação, contribuindo para o desenvolvimento social, político, econômico e cultural de uma sociedade.

É consenso entre alguns pesquisadores, como Barreto (2002), Le Coadic (1996), Mattelart (2002), Saracevic (1996) e Souza (2015), que a Ciência da Informação nasceu no desenvolver do pós Segunda Guerra Mundial, com o advento das necessidades de tratamento da informação, ligadas ao surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação que, aliadas à documentação em massa, constituiu um elevado grau de necessidade de organização da informação. Dessa forma, a Ciência da Informação surge a partir da aplicação de recursos técnicos de algumas disciplinas que trabalham com a informação, entrelaçando-se à ciência, à tecnologia, ao conhecimento e à cultura para transformar a sociedade.

Souza (2015) aponta três correntes teóricas que foram fundamentais para a gênese da Ciência da Informação, a saber: a Perspectiva Biblioteconômica (SHERA, 1980), a Perspectiva Documental (CLEVERLAND, 1977; SHERA 1980; RAYWARD, 1997) e a Perspectiva Tecnológica e Informacional (SARACEVIC, 2009). Ao surgir no decorrer da revolução industrial, após a Segunda Guerra Mundial, a Ciência da Informação aglutina em sua apresentação diversas disciplinas às suas práticas, devido às suas proximidades e ao objeto, como as técnicas Biblioteconômicas, a Documentação, as questões sociais, a Informática (Tecnologia) e outros campos do conhecimento para a resolução dos problemas informacionais da época (SOUZA, 2015).

A partir da junção de diversas organizações, a “nova Biblioteconomia”, segundo Shera (1980), propunha-se, além da organização da informação registrada em quaisquer suportes, conforme proposto por Otlet e La Fontaine, sobretudo, uma análise aprofundada desses

registros. A então Ciência da Informação se promove a partir da pesquisa que se utiliza de métodos e técnicas de algumas disciplinas, para chegar ao estudo das propriedades, do comportamento e a circulação da informação (SHERA, 1980). Assim, a área ganha espaço e foco nas atividades que permeiam a informação, desde a sua produção, uso, armazenamento e disseminação.

A Ciência da Informação, para Shera (1980), tem relações próximas com a Biblioteconomia, dada relação entre os sistemas de informação, o contexto social, na qual a informação é inserida e pelo estabelecimento da comunicação para a sua propagação, por empregar métodos de organização da informação aprimorados pela Biblioteconomia e por estabelecer uma relação entre usuário e informação. A Ciência da Informação e a Biblioteconomia se tornam aliadas em determinado grau de peculiaridade, mas em alguns momentos a terminologia é uma ferramenta que pode estabelecer limites e fronteiras entre essas disciplinas.

Ainda segundo Shera (1980), uma iniciativa com interesse na utilização de novas ferramentas para tratamento da informação despertou, nos pesquisadores, a preocupação em aprimorar os “artefatos” no intuito de melhorar e ampliar a disseminação das informações diante de suas necessidades. Nessa perspectiva, a revolução que, por muitos, é considerada industrial, tecnológica e científica tem-se caracterizado como impulso para o surgimento e desenvolvimento da Ciência da Informação.

Então, seu surgimento baseia-se no anseio paradigmático do dueto entre a Ciência Documental para a Ciência da Informação, a partir da inter-relação de diversas ciências, tais como Biblioteconomia, Arquivística, Museologia, Comunicação, Documentação, rodeadas por outras disciplinas, tais como Ciências Sociais, Psicologia, a História, Filosofia, Lógica, Matemática, Cibernética, entre outras, uma vez que, nesse processo, a Ciência da informação “precisa, em nível central ou nuclear, do contributo direto” dessas disciplinas (SILVA, 2006, p. 107).

Esse entendimento aproxima-se, em certo sentido, do modelo de aglomerado disciplinar em torno da Ciência da Informação, desenhado por Le Coadic (2004). Esse modelo evidencia uma visão tecnológica no papel da informação como matéria prima para subsistência do sistema, realçando o papel da informação na atual sociedade.

Segundo Pinheiro (2005), há um questionamento sobre o fato de a Ciência da Informação ser considerada uma disciplina científica ou o resultado de uma integração disciplinar, por se utilizar de algumas disciplinas científicas. Tais resultados são apresentados

na forma de produção científica, caracterizada pela aplicação de teorias e metodologias de áreas distintas na produção em Ciência da Informação.

Em seu processo de formação, afirma Pinheiro (2005), a Ciência da Informação ganha, pelo seu caráter tecnológico, novas tendências disciplinares, tais quais: a Inteligência Competitiva e a Gestão do Conhecimento, como consequência imposta pela Sociedade da Informação e pela globalização.

De acordo com González de Gómez e Orrico (2004), a Ciência da Informação se configura como um campo unidisciplinar, que passa por um processo de mutação e se torna interdisciplinar. Essa pluralidade conceitual e metodológica, até então conhecida como interdisciplinaridade, pode ser constatada a partir da produção colaborativa em Ciência da Informação.

Para González de Gómez (2003, p. 32), a Ciência da Informação pode ser definida como uma disciplina que

[...] estuda os fenômenos, processos, construções, sistemas, redes e artefatos de informação, enquanto “informação” for definida por ações de informação, as quais remetem aos atores que as agenciam, aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem.

Nessa configuração, a Ciência da Informação compõe-se a partir de alguns aspectos, como: ação de informação; assimetria e interfaces; modalidade de ação; atores de informação; fluxos e regimes de informação (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2003). Essas características diferenciam o contexto de simetria entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, uma vez que a primeira tem como fundamento os estudos ligados à informação, em seu processo de produção, fluxo e acesso.

Para Bourdieu (1983), no processo de formação de uma ciência ou disciplina, há uma ruptura de áreas de concentração de conhecimentos, que leva a uma nova definição de arcabouços teóricos, mas que, ao mesmo tempo e espaço, trazem consigo um repertório diverso de teorias, conceitos e metodologias das áreas de derivação.

Para Pinheiro (2005), as diversas disciplinas que envolvem o processo de formação da Ciência da Informação tiveram participação importante na construção das temáticas de pesquisa da área. A autora ressalta que muitas disciplinas têm se inserido no domínio epistemológico da Ciência da Informação e, dessa forma, conseguem interagir na produção científica. Isso pode se dar pelo fato de algumas temáticas ter como origem a influência de pesquisadores. Tais condições permitem uma maior consolidação disciplinar dentro das temáticas de pesquisa em Ciência da Informação, como a Tecnologia da Informação e a

Gestão do Conhecimento. Ocorre que uma ciência não ascende apenas de um único evento, mas de um aglomerado de repertórios técnicos e científicos sequenciados, que buscam um objeto em comum de forma construtiva, epistemológica e gradativa.

Aliada ao desenvolvimento de técnicas de diversas disciplinas, com a crescente ampliação dos artefatos e meios tecnológicos que propiciam o pensamento de novas formas de organização, tratamento e acesso à informação, a Ciência da Informação se dedica ao estudo de processos, fluxos, do tratamento, organização, recuperação e acesso à informação. A Ciência da Informação “se originou e vem sendo desenvolvida em uma agenda de projetos que visa à resolução de problemas relacionados à recuperação da informação disponível na massa documental dispersa em diversos suportes” (SOUZA, 2015, p. 33).

Nessa perspectiva,

[...] existe uma longa história das instituições e profissões que se dedicam ao registro, ao tratamento, à organização e à conservação de acervos bibliográficos, documentais e, mais recentemente, informacionais. Com o movimento de modernização, no final do século XIX e início do século XX, esses processos e serviços foram ampliados com a adoção do modelo de acesso e a aplicação das TICs. Isso resultou, em certa medida, na aproximação e, por vezes, na confluência de muitas disciplinas envolvidas naqueles processos (SOUZA, 2015, p. 34).

O autor ainda destaca que há, nos bastidores do seu desenvolvimento, a crescente participação de pesquisadores e de estudiosos que dedicaram, em larga escala, esforços para solucionar tais problemas informacionais.

Então, esse aglomerado de profissionais, ao mesmo tempo em que se esforçam para desenvolver a Ciência da Informação, aglutinam técnicas e características de cada disciplina presentes na formação de cada indivíduo, o que pode acarretar interferências incomuns com outros profissionais.

2.2 Fundamentos da Ciência da Informação

A Ciência da Informação, segundo Souza (2015), possui um pluralismo epistemológico decorrente de sua formação plural, o que lhe faz caracterizar-se como um campo de ações interdisciplinares, condicionado pela complexidade do seu objeto de estudo, que será proposto posteriormente, bem como os pesquisadores, que compõem o que González de Gomez (2003) chama de “atores sociais” de um campo científico, ou seja, aqueles que produzem Ciência da Informação.

Capurro (2003) destaca três paradigmas da Ciência da Informação: físico, cognitivo e social. Para o autor, a complexidade, que envolve essas proposições, explana o cruzamento de

várias teorias em diversos espaços e em diferentes períodos. Ainda segundo o autor, o paradigma físico é percebido nos esforços de Shanon e Weaver (1949), a partir da junção da teoria da informação e da cibernética de Wiener (1961), que corresponde à analogia da transmissão de um sinal ou de uma mensagem denominado de informação, compreendido entre a recuperação da informação, a partir de sistemas computadorizados, como demonstrou Cranfield através de pesquisas no *Cranfield Institute of Technology*, no ano de 1957.

Já o paradigma cognitivo tem por base a Documentação de Otlet e La Fontaine, aliadas a ontologias e à epistemologia de Karl Popper, proposta por Brookes (1980), ao apresentar as formas de compreensão de uma necessidade de informação para a resolução de uma insatisfação informacional, ou seja, para preencher lacunas, advindas, teoricamente baseadas, a partir da teoria do “estado anômalo do conhecimento” ou *ASK (Anomalous State of Knowledge)* desenvolvida por Belkin (1980).

Enquanto isso, o paradigma social converge com o paradigma cognitivo em adjacências para a transformação de uma realidade social, alterando o mundo exterior à informação. Dessa forma, a informação ganha força na sociedade, por estabelecer e aprimorar relações entre os indivíduos.

Para Brookes (1980), a Ciência da Informação encontra-se rodeada de disciplinas que discutem a informação, apontando questionamentos sobre seus efetivos fundamentos que, por muito tempo, apresentavam-se (e ainda se constituem, em certa medida) como problemas básicos da Ciência da Informação, por exemplo, a subjetividade da informação. Para o autor, a Ciência da Informação pode ser definida como um aglomerado entre “linguística, comunicação, estatística e metodologia da pesquisa junto com as técnicas da biblioteconomia” (BROOKES, 1980, p. 128, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o nível de abrangência (multi/inter) disciplinar da Ciência da Informação na produção científica faz com que, cada vez mais, autores oriundos de diferentes áreas do conhecimento procurem realizar pesquisas e estudos em torno de temáticas comuns. O fato é que, desde as suas origens, a Ciência da Informação tem-se mostrado um espaço aberto, dinâmico e colaborativo, em decorrência das abordagens interdisciplinares nela adotadas.

Conforme Pombo (2003), as principais descobertas da ciência foram ocasionadas pela integração entre pesquisadores que possuíam formações distintas, bem como a junção de metodologias e conhecimentos específicos. Dessa forma, isso contribuiu para o progresso científico do conhecimento em diferentes domínios.

Segundo diferentes autores, tais como Le Coadic (2004), Pinheiro (2005), Saracevic (1996) e Souza (2015), pesquisadores de várias áreas do conhecimento, tais como Biblioteconomia, Arquivologia, Ciência da Computação, Comunicação Social, entre outras, estão presentes na literatura e em grande parte das publicações na Ciência da Informação.

A partir dessas constatações, compreende-se que essa produção se dá, em muitos casos, de forma colaborativa, através de autores com formações distintas, evidenciando a necessidade de compreensão do nível e da dinâmica das diversas colaborações presentes na produção científica da Ciência da Informação.

Assim, merece destacar que as relações entre diversos campos contribuem com a Ciência da Informação e desempenham como aspectos complementares um papel fundamental para a construção do conhecimento nesse domínio multidisciplinar.

Loureiro (1999) destaca que a Ciência da Informação engloba diversos apontamentos, tendo sua abordagem interdisciplinar como fundamento, que caracteriza seu aspecto epistemológico, possuindo, como base, os estudos materiais, culturais e sociais, como fenômenos informacionais.

Nesse mesmo sentido, conforme Souza e Dias (2011), a Ciência da Informação possui um campo de ações interdisciplinares como um dos seus principais fundamentos, pelo fato de se construir como campo de integração ou de “cooperação disciplinar”. E mais:

As condições de origem e desenvolvimento da ciência da informação e, por conseguinte, de suas construções interdisciplinares são resultantes do processo histórico em que se encontram inseridas e fundamentadas, em um jogo de relações entre formações discursivas, que têm por base as respectivas formações ideológicas (SOUZA; DIAS, 2011, p. 54).

A rigor, a interdisciplinaridade está condicionada à interação recíproca entre disciplinas, que, na prática, decorre do movimento dos diferentes pesquisadores e autores na busca de construção de espaços de colaboração no campo do conhecimento científico. Então, as condições amplas e específicas do campo da Ciência da Informação têm a capacidade de promover ações interdisciplinares, dada sua capacidade de integrar diversas disciplinas no campo do conhecimento científico.

Ao afirmar que a Ciência da Informação é interdisciplinar, Saracevic (1996) apresenta três elementos fundamentais que a caracterizam. O primeiro concerne à natureza interdisciplinar da Ciência da Informação. O segundo, à tecnologia, ao considerar que a Ciência da Informação está “inexoravelmente ligada à tecnologia da informação”, levando a uma mudança da sociedade moderna, transformando-a em uma sociedade da informação. E o terceiro, ao fato de a Ciência da Informação, em conjunto com outras disciplinas, possuir um

importante papel nessa mudança de sociedade, configurando também o *status* social da informação.

Conforme Saracevic (1996, p.42):

Primeira, a CI é, por natureza, interdisciplinar, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando. A evolução interdisciplinar está longe de ser completada. Segunda, a CI está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. O imperativo tecnológico determina a CI, como ocorre também em outros campos. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna *em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial*. Terceira, a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. A CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia (SARACEVIC, 1996, p.42, grifo do autor).

Ainda na perspectiva da participação de outras áreas do conhecimento, no processo de formação da Ciência da Informação, é importante considerar que:

[...] a base de conhecimento que deve nortear a teorização da ciência da informação teve origem nessa revolução tecnológica de entrelaçamento da Física com a Matemática e, definitivamente, podemos afirmar que a origem da ciência da informação nada tem a ver com a Biblioteconomia, exceto pelo fato de no Brasil terem colocado a Biblioteconomia, a Museologia e a Arquivologia sob seu guarda-chuva (MENDONÇA, 2014, p. 04).

Todas as relações que envolvem a discussão acerca da Ciência da Informação, a rigor, utilizam-se do seu caráter interdisciplinar, que se apresenta como um dos pilares da sua formação, conforme visto anteriormente (SANTOS; RODRIGUES, 2014). Em sua composição, as escolas que se apresentam em maior número são a Biblioteconomia, a Documentação, a Recuperação da Informação e a Tecnologia, propiciada em grande medida à importância do uso da informação cada vez mais, e a Ciência e Tecnologia (C&T), para o desenvolvimento da sociedade.

Pombo (2003) ressalta que a utilização, em larga escala e sob diversas vertentes, tem causado transtornos à real definição do termo interdisciplinaridade, ao mesmo tempo em que estabelece quatro contextos para distinguir tais definições:

Contexto epistemológico, relativo às práticas de transferência de conhecimentos entre disciplinas e seus pares. *Contexto pedagógico* ligado às questões do ensino, às práticas escolares, às transferências de conhecimentos entre professores e alunos, que tem lugar no interior dos currículos escolares, dos métodos de trabalho, das novas estruturas organizativas das quais, tanto a escola secundária como a Universidade, vão ter que se aproximar cada vez mais. *Contexto mediático*, onde palavra interdisciplinaridade é constantemente resgatada pelos novos meios de comunicação que fazem dela uma utilização selvagem, abusiva, caricatural. *Contexto empresarial e tecnológico* no qual a palavra interdisciplinaridade tem tido uma utilização exponencial (POMBO, 2003, p. 2).

Para Souza (2015), a interdisciplinaridade é considerada um instrumento teórico-metodológico capaz de integrar conhecimentos e definir parâmetros de uma ciência contemporânea. Segundo o autor, “[...] o discurso da interdisciplinaridade na Ciência da Informação é fundamentado através de um conjunto de proposições lógicas positivas e disjuntivas, aparentemente homogêneas, que interferem nas análises de primeira aproximação” (SOUZA, 2015, p. 125).

Dessa forma, é preciso destacar que a emblemática relação de ações interdisciplinares são constituídas a partir da definição de três domínios interdiscursivos que norteiam a estrutura interdisciplinar no campo da Ciência da Informação: a pluralidade de áreas de concentração, a multiplicidade de pesquisadores, que formam a comunidade científica e a complexidade do objeto de estudo (SOUZA, 2015).

Essas características são, segundo Souza (2015), próprias do conhecimento contemporâneo e, ao mesmo tempo, configuram-se em um discurso interdisciplinar que se constitui na

[...] diversidade de formações discursivas que se entrecruzam em uma rede interdiscursiva, mas que se organizam, principalmente, em torno de quatro espaços discursivos: o novo modelo da tecnociência contemporânea, a multiplicidade de origem da Ciência da Informação, o imperativo tecnológico e a complexidade do objeto de estudo (SOUZA, 2015, p. 127-128).

Essa modalidade de integração do saber se torna característico na Ciência da Informação, em decorrência das condições gerais e específicas da emergência do campo científico e se manifesta através da produção científica, sobretudo, resultante de coautoria. Com efeito, esse tipo de prática científica é constitutivo da produção colaborativa, na medida em que tem como referência diferentes campos do conhecimento em uma perspectiva de integração disciplinar.

2.3 Campo Científico e Objeto de Estudo

Muito se tem discutido, na Ciência da Informação, as questões que norteiam tanto a sua origem quanto os seus fundamentos, além do campo científico e do objeto de estudo. Porque ou para que delimitar um “objeto de estudo”? No campo da Ciência da Informação, sua caracterização ou sua constituição “define processo de atuação científica no campo do conhecimento profissional das disciplinas que o integram” (FREIRE; SILVA, 2012, p. 169).

Então, a delimitação do objeto de estudo torna-se elemento fundamental para o desenvolvimento de um campo científico, ademais, no caso da Ciência da Informação, é de

extrema importância no seu processo de consolidação, uma vez que compreende uma ciência em desenvolvimento, variando de acordo com o contexto histórico no qual se constitui.

Conforme Japiassu (1981), as ciências humanas, dentro do processo de construção de seu estatuto epistemológico, deve abrir espaço para que seja explorada a sua cientificidade. Para isso, há a necessidade do estabelecimento de critérios normativos e descritivos que, a partir de então, possibilitarão a construção do seu objeto de estudo. Complementarmente, para Bachelard (1996), é preciso povoar a “zona das perturbações” para poder emergir e avançar no corpus teórico de crescimento de uma ciência.

Diante das condições epistêmicas que envolvem a Ciência da Informação, a constituição do campo de estudo se apresenta como um fator de legitimidade, considerando que

Na luta em que cada um dos agentes deve engajar-se para impor o valor de seus produtos e de sua própria autoridade de produtor legítimo, está sempre em jogo o poder de impor uma definição da ciência (isto é, a de limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos) que mais esteja de acordo com seus interesses específicos (BOURDIEU, 1983, p. 06).

Para Bourdieu (1983), a caracterização de uma ciência se dá, sobretudo, por intermédio da definição do seu campo de pesquisa e do seu objeto de estudo.

O campo científico é sempre o lugar de uma *luta, mais ou menos desigual*, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua *colaboração objetiva* ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científica disponíveis (BOURDIEU, 1983, p. 16 grifo do autor).

Para uma ciência que se diz da informação não seria preliminarmente insensato, tampouco excêntrico, afirmar que a informação é a “centralidade” da sua existência. Para Kobashi e Tálamo (2003), a adoção do conceito de informação, *a priori*, da Teoria da Informação e da Teoria da Comunicação constituiu obstáculos demasiadamente emblemáticos para a Ciência da Informação. A aproximação da Ciência da Informação com outras disciplinas, como a Ciência da Computação e a Ciência da Comunicação, evidencia que a informação, como objeto de estudo, aborda, de alguma forma, por ambas, a sua complexidade (da informação) e a sua utilização de forma estratégica que poderá contribuir de forma significativa para o conhecimento científico nas diversos campos envolvidos.

O diferencial da Ciência da Informação se dá de forma intrínseca pela preocupação “com a pesquisa científica e prática profissional relativas à comunicação, às necessidades e ao uso da informação em contextos sociais, institucionais e individuais” (KOBASHI; TÁLAMO,

2003, p. 13). Ainda segundo as autoras, as questões econômicas, culturais e informacionais são indissociáveis e fundamentais para a concepção de mundo. Desse modo, “competem, portanto, à Ciência da Informação estabelecer os princípios e as práticas relacionadas à produção de informação, sua distribuição e formas de acesso” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 19).

Bastantes discussões sobre o objeto de estudo da Ciência da Informação emergem, segundo Souza (2015), dos esforços na definição do conceito de informação, bem como do estabelecimento entre relações de campos do saber que a compreendem e possuem característica de ações interdisciplinares que a convém. No entanto, é preciso estabelecer conexões objetivas nesse processo, para que não acabe em falácias essa construção, através do aprofundamento de algumas especificidades do campo. Na construção do conhecimento, as variações teórico-metodológicas se fazem presentes e a sua aplicação pode acarretar implicações dentro de um campo do conhecimento específico.

Há neste domínio um jogo de relações teórico-metodológicas implícito na produção científica que pode ser caracterizado, de acordo com Pêcheux (2014), como ideológico e de práticas políticas que possibilitam implicações diversas na produção científica. Essas condições acabam afetando o caráter social da informação na medida em que o estudo “da sua produção, circulação e consumo assume importância primordial, sendo desenvolvido por várias áreas do conhecimento” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 08). Portanto, segundo as autoras, a informação tem a possibilidade de colaborar para a formação cidadã, ao passo que o seu acesso e o seu uso são capazes de garantir os direitos civis, políticos e sociais.

Na busca da delimitação do objeto de estudo da Ciência da Informação, González de Gómez (1990) ressalta que seu objeto de investigação convém não, simplesmente, do ente informação, mas das condições práticas que o objeto pode proporcionar, de forma mais específica das ações que as informações podem acarretar.

É a possibilidade de realizar “ações de segundo grau” (o que denominamos “ações de informação”) sobre processos de comunicação e conhecimento, o que é inicialmente tematizado na constituição de uma área de estudo em torno da informação (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 1990, p. 121).

Com o surgimento da importância da informação, bem como do tratamento que recebe, seja ela de modo tangível ou intangível, ganham valor no mercado e se torna insumo para o desenvolvimento da C&T, notadamente a partir da Segunda Guerra Mundial.

Nesse instante, segundo González de Gómez (2002), as políticas de informação ganham impulso para definir parâmetros e estruturas ao seu desenvolvimento, quando “o nexo

da informação com a política seria então estabelecido por sua inclusão na esfera de intervenção do Estado; agora não só como dimensão de racionalidade administrativa, mas como fator estratégico do desenvolvimento científico-tecnológico” (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2002, p. 27). A utilização da informação para C&T tem se comportado dentre as iniciativas para a propagação, principalmente da Pós-Graduação em Ciência da Informação. No Brasil, tais ações foram executadas em grande medida pelo IBICT.

Para Silva e Ribeiro (2008), as questões que norteiam o objeto de estudo consistem nas forças que o fenômeno informacional implica na sociedade, seja no cenário político ou econômico, pelo campo epistêmico no qual se insere e pelas condições complexas e dinâmicas que lhes são recorrentes.

Não é evidente “pura” ou ideológica e politicamente asséptica esta configuração do objeto de estudo da Ciência da Informação pelos pressupostos que a originam e fundamentam, tais como o impasse profissional e teórico da Biblioteconomia e da Arquivística, o desenvolvimento teoricamente insustentável das novas tecnologias da informação sem um contributo epistemológico das ciências sociais e a subsequente distinção entre informar, conhecer e comunicar. Sem eles não há Ciência da Informação e o respectivo “espaço” epistêmico seria absorvido pelas[sic] Ciência(s) da Comunicação, pela Informática *hard* e *soft*, pela Sociologia e etc. (SILVA; RIBEIRO, 2008, p. 85).

Dessa forma, caberia à Ciência da Informação aprimorar estudos sobre o seu objeto (informação), a partir das propriedades fenomenológicas, que lhes são impostas, e da materialidade nas quais consistem suas propriedades essenciais e o comportamento informacional, compreendido entre criação, uso, difusão, organização, armazenamento, coleção, pesquisa e interpretação da informação (SILVA; RIBEIRO, 2008).

A Ciência da Informação tem como objeto de estudo a informação, que possibilita a construção e as mudanças do conhecimento desde o seu compartilhamento (SARACEVIC, 1996). Nesse mesmo horizonte, Freire (2008) compreende que a Ciência da Informação é uma ciência correlata aos seres humanos pela capacidade de uso do conhecimento por eles produzido, caracterizando-se, assim, a interdisciplinaridade como uma forte vertente holística das diferentes correntes do campo da informação. O fato é que essa conformação perpassa por outras áreas do conhecimento, trazendo questões informacionais que norteiam as problemáticas sociais debatidas por diferentes pesquisadores, que formam a comunidade científica.

Nessa construção, cabe à Ciência da Informação “delimitar suas fronteiras, constituir sua metalinguagem, desenvolver técnicas apropriadas ao seu objeto, construir modelos, conceitos, teorias. Ao lado disso, é fundamental manter aberto o diálogo com outras

disciplinas para renovar continuamente os modos de olhar seu objeto” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 18).

Não se pode perder de vista que é a confluência entre a constituição do objeto de estudo, a complexidade do fenômeno informacional e a definição de métodos que possibilita estudos mais consistentes. Essas reflexões rompem, portanto, questões didáticas e metodológicas de pesquisas e estudos do campo, na medida em que requerem uma nova postura epistemológica frente à constituição do objeto de estudo da Ciência da Informação (SOUZA, 2013, p. 02).

Buscar espaço científico e firmar-se como um campo disciplinar que contribui de forma significativa para o desenvolvimento da sociedade e do conhecimento não constituem tarefas fáceis para algumas disciplinas denominadas clássicas, como é o caso da medicina, por exemplo, que é desafiada a cada instante. Ademais, a Ciência da Informação, em toda sua história, comporta apenas algumas décadas de existência em estudos e aprofundamentos das questões sociais e epistemológicas que arrolam seu desenvolvimento no decorrer do tempo.

Construir esse espaço dentro de um campo de conhecimento em crescimento faz fortalecer a sua importância como ciência e, ao mesmo tempo, contribui para melhorar as condições sociais, uma vez que estudos e pesquisas de uma ciência, quando socializadas em uma comunidade, propiciam avanço da mesma.

3 PRODUÇÃO COLABORATIVA DE CONHECIMENTO

O conhecimento contemporâneo tem se configurado, em certa medida, pela produção alargada graças aos investimentos em C&T, que vem sendo aplicados pelas instituições e agências de fomento à pesquisa. Nesse contexto, conforme Maranhão (2010), a produção científica tem se caracterizado cada vez mais a partir de relações interdisciplinares, na medida que tem sido realizada, colaborativamente, por áreas do conhecimento que abrangem estudos realizados a partir de diversas disciplinas.

A crescente especialização do conhecimento tem se tornado importante para ampliar os estudos e, conseqüentemente, a produção científica em colaboração de algumas ciências que tem objeto de estudo complexo, como é o caso da Ciência da Informação. Complementarmente, o caráter híbrido de algumas disciplinas, que resulta em interesse em estudos e pesquisas, explora outros espaços, sejam distantes ou próximos, permitindo uma integração entre elas, de acordo com o objeto de cada uma.

Dessa forma, é necessário “criar condições que favoreçam os intercâmbios e a cooperação entre domínios da formação e da pesquisa” (RAYNAUT, 2014, p. 17). Tais condições se apresentam como características peculiares de áreas do conhecimento interdisciplinares que aglomeram diversas disciplinas. No caso da Ciência da Informação, ocorre que a cada dia várias disciplinas se apresentam disputando espaços e abarcando conceitos, teorias e metodologias.

Os ambientes de produção científica têm aumentado, notadamente, graças ao desenvolvimento de Programas de Pós-Graduação interdisciplinares, abrindo caminhos para a produção científica de profissionais, em alguns casos, como na Ciência da Informação, com formações e titulações distintas. Para Rubin-Oliveira e Franco (2015), os problemas complexos necessitam de formas de pensar e de agir diversificadas, principalmente no contexto da produção científica. Nesse sentido, os Programas de Pós-Graduação, para as autoras, têm se apresentado, de forma efetiva, como interlocutores de produção científica.

Para compreender efetivamente o processo de produção e o uso do conhecimento, é necessário “observar a maneira como os cientistas se comportam, relacionam-se, organizam-se e como transmitem informações entre si” (VANZ; STUMPF, 2010, p. 43).

O aumento da produção científica em colaboração deve ser acompanhado e discutido no contexto do seu surgimento e efetivação. A atuação de autoria e coautoria deve ser compreendida para que os limites sejam traçados e os espaços sejam respeitados. O processo de produção científica em colaboração é complexo em campos interdisciplinares, pelo fato de

aqueles que participam da colaboração podem não apresentar tanto os mesmos níveis intelectuais, quanto o conhecimento teórico e metodológico, impostos em sua formação acadêmica, no caso da colaboração na Pós-Graduação.

3.1 Caracterizando a Produção Colaborativa

A produção científica é resultado de estudos e esforços individuais e/ou coletivos para a construção do conhecimento, aliada às necessidades e às possibilidades de resolução dos problemas da sociedade. Para Targino (2001), a comunidade científica é responsável pela produção científica e, ao mesmo tempo, caracterizada pelo universo ou por um grupo de indivíduos específicos que buscam uma interação (relação disciplinar) em busca de um objeto comum.

Neste cenário, as novas ferramentas de comunicação e tecnologia proporcionam a interação entre dois ou mais indivíduos para a produção técnica e científica, que se caracteriza, dessa forma, como coletiva ou colaborativa entre indivíduos. De modo geral, “a colaboração científica tem sido definida como dois ou mais cientistas trabalhando juntos em um projeto de pesquisa, compartilhando recursos intelectuais, econômicos e/ou físicos” (VANZ; STUMP, 2010, p. 44).

Para conduzir esse tipo de produção científica, é fundamental preparar o espírito científico para o efetivo ensino.

[...] para o espírito científico, todo fenômeno é um momento do pensamento teórico, um estágio do pensamento discursivo, um resultado *preparado*. É mais produzido do que induzido. O espírito científico não pode satisfazer-se apenas com ligar os elementos descritivos de um fenômeno à respectiva substância, sem nenhum esforço de hierarquia, sem determinação precisa e detalhada das relações com outros objetos (BACHELARD, 1996, p. 127).

Nessa perspectiva, um dos parâmetros para a construção do conhecimento é desenvolvido a partir da forma de organização e tratamento da informação que tem se efetivado, em certa medida, a partir da iniciativa industrial, aliada às tecnologias de informação e comunicação e à inovação, como insumo propulsor (SOUZA, 2015). Essa nova forma de gerenciamento da informação propagou-se com maior ênfase no pós Segunda Guerra Mundial, alargando a perspectiva da produção científica, que se tem manifestado de forma colaborativa.

A autoria colaborativa, em essência, por sua vez, é resultado de uma produção realizada em coautoria, isto é, decorre da associação de dois ou mais autores que produzem

uma mesma obra. Segundo Montenegro (1999), as primeiras obras literárias em cooperação surgiram após a primeira guerra.

Conforme Vanz e Stump (2010), a produção em colaboração tem trazido benefícios para a comunidade científica e conduzido a ciência para avanços significativos. A colaboração científica se torna um fator importante para o crescimento da ciência, uma vez que “discutir diferentes pontos de vista pode gerar novas perspectivas, característica que se amplia quando os colaboradores são oriundos de diferentes áreas” (VANZ; STUMP, 2010, p. 48).

Essa prática torna-se cada vez mais frequente entre professores, alunos e pesquisadores sob diversos aspectos, uma vez que “as características cada vez mais interdisciplinares, complexas e dispendiosas da ciência moderna incentivam os cientistas para o envolvimento em pesquisas colaborativas” (LEE; BOZEMAN, 2005, p. 01, tradução nossa).

Em seu processo de formação, a produção científica colaborativa requer algumas condições acerca do seu ponto de partida: “a colaboração científica pode ser um empreendimento cooperativo que envolve metas comuns, esforço coordenado e resultados ou produtos (trabalhos científicos) com responsabilidade e méritos compartilhados” (BALANCERNI et al., 2005, p. 64).

Nessas condições,

O pesquisador que intenciona colaborar precisa entrar em acordo com o parceiro quanto à visão de ambos sobre a pesquisa, desde a definição de objetivos, a atribuição de tarefas a cada membro (especialmente quando a colaboração envolve distância geográfica) até o entendimento de conceitos e metodologias (especialmente quando a colaboração envolve áreas diferentes). A boa comunicação entre os pesquisadores, a habilidade social e de como conduzir o trabalho em equipe são características fundamentais da colaboração científica (VANZ; STUMP, 2010, p. 52).

Segundo Katz e Martin (1997), nas últimas décadas, cresce o número de pesquisas em colaboração de forma significativa. Essa prática deve ser incentivada no meio acadêmico por propiciar “o resgate de valores como o compartilhamento e a solidariedade – que se foram perdendo ao longo do caminho trilhado por nossa sociedade, extremamente competitiva e individualista” (DAMIANI, 2008, p. 225).

A prática da colaboração científica se manifesta rodeada de proposições que ensejam boas razões entre os que dela se compõem. No entanto, deve-se ficar atento à divisão das tarefas, para que não possa comprometer a produtividade, tampouco, as relações dos produtores, uma vez que os níveis intelectuais desses são diferentes, porém estão focados no objetivo da produção colaborativa (LEE;BOZEMAN, 2005).

O trabalho coletivo possibilita, segundo Damiani (2008), maior visibilidade nas pesquisas, pois o “acúmulo” de literatura incide em considerações valorosas no trabalho colaborativo em todas as atividades humanas, além de constituir ponte para a construção do conhecimento, através das “trocas” de aprendizado. A colaboração, essencialmente, “envolve o empréstimo de capital material ou intelectual, sob a forma de instrumentos, técnica, espaço e credibilidade. O nome dos parceiros de um cientista são tão importantes quanto as revistas em que os artigos são publicados” (VANZ; STUMP, 2010, p. 45). Os estudos sobre a produção colaborativa em C&T têm despertado interesses mundiais, e em diversas áreas do conhecimento, pela amplitude em que se apresentam, uma vez que a colaboração científica é difícil de ser mensurada.

Segundo Katz e Martin (1997), diversas são as formas de apresentar a colaboração, que podem ser desde as orientações acerca de uma produção, até a participação efetiva na pesquisa, mas ressaltam que as contribuições podem ser imprescindíveis para a efetivação da produção ou tornarem-se insignificantes para tal fim. Com efeito, “a colaboração é um processo intrinsecamente social e, como acontece com qualquer forma de interação humana, pode envolver tanto fatores contribuintes, quanto indivíduos envolvidos” (KATZ; MARTIN, 1997, p. 04, tradução nossa).

Complementarmente, Katz e Martin (1997) esclarecem que diversas são as formas de colaboração em um projeto, representadas pelos conselhos gerais, pelos conhecimentos na participação ativa e pela forma específica, podendo ser consideradas importantes ou insignificantes no contexto de uma produção científica. Ainda, de acordo com os autores, a participação de forma superficial, em alguns casos, pode incidir na coautoria em uma produção científica.

Nesse mesmo horizonte, Subramanyan (1983) compreende que o tipo e a amplitude da produção em colaboração não podem ser mensurados pelo simples fato da observação de entrevistas ou mesmo de questionários, devido à complexidade das relações humanas que ocorre no processo de colaboração entre os indivíduos. O fato é que “a natureza e magnitude da contribuição de cada colaborador são susceptíveis de mudar durante o curso de um projeto de pesquisa” (SUBRAMANYAM, 1983, p. 34, tradução nossa).

Ainda segundo o autor, nas organizações, a prática da produção colaborativa também pode ser concretizada e, nessas condições, efetiva-se a partir de troca de dados ou ideias, através de comunicações oficiais, conferências ou forma física, juntas ou separadamente.

Na Ciência da Informação, a produção em colaboração pode ser assim considerada, pelo fato de que “os membros de um grupo se apoiam, visando atingir objetivos comuns,

negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem a não-hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e co-responsabilidade pela condução das ações” (DAMIANI, 2008, p. 215).

A colaboração contribui para o crescimento do campo científico, sobretudo, na produção científica de áreas, como a Ciência da Informação, que é caracterizada pela participação de autores de formações distintas.

3.2 Autoria e Coautoria

A prática científica adota referenciais imbricados na origem e na aplicação de teorias e metodologias, e essa característica é responsável pela formação de um campo científico. Nessa conjuntura, a formação de um pesquisador é um aspecto importante no contexto da sua produção científica, pelo fato desta ser enraizada em referenciais teórico-metodológicos necessários para sua formação. Assim, as condições em que se apresentam essa produção científica são desenhadas a partir das estruturas que iniciam o processo de construção do conhecimento de cada indivíduo.

O processo de construção da produção científica está centrado no caráter filosófico da reunião de elementos capazes de articular o que se pensa (ou se diz), através de características, de acordo com o tempo no processo histórico na construção de um discurso (FOUCAULT, 2001). Isso quer dizer que, quando esse indivíduo passa a produzir em colaboração ou, de forma mais precisa, em coautoria, os referenciais teórico-metodológicos utilizados para a sua formação despertam e acarretam implicações nessa produção.

O filósofo usa saberes no sentido de possibilidade de conhecimento, instrumento de análise dos discursos, não se tratando apenas do conhecimento científico, mas a virtude o[*sic*] saber prático. Foucault nos oferece um saber como construção histórica, e como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. E é nesse sentido que para o filósofo o conhecimento e a verdade são questões históricas, são produções sistemáticas que manifestam também por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda sua positividade (AZEVEDO, 2014, p. 149).

Dentro desse processo de construção científica, torna-se necessário avaliar algumas perspectivas do autor como produtor de uma “verdade”. Esse resgate do conhecimento, já presente no sujeito pesquisador, tem a capacidade de interligar aspectos históricos desenvolvidos na experiência ao longo do tempo, e isso está diretamente ligado à sua formação. Os elementos que se seguem para tal formação, no entanto, são características moldadas nos discursos e evidenciadas principalmente na produção científica.

Em seu processo de construção, um discurso é formado pelos traços que, para um autor, parecem ser “inconscientes”, mas os discursos são constituídos de forma arbitrária e é pré-estabelecido por variáveis de conhecimento adquiridas ao longo do tempo. A partir da evocação dos elementos pré-construídos, um texto é formado, levando-se em consideração que o autor ou coautor tenta “explicitar um discurso, uma prática discursiva, [que] consistirá em interpretar o que as pessoas faziam ou diziam, em compreender aquilo que supõem os seus gestos, palavras, instituições, coisas que fazemos a cada minuto que passa: Compreendemo-nos entre nós” (VEYNE, 2011, p. 19).

Nesse contexto, a formação discursiva de Foucault é interpretada como um “entendimento das ideias e do pensamento, busca sobremaneira os discursos que tornam estas mesmas ideias e pensamento possíveis” (GIACOONI; VARGAS, 2010, p. 123), não relativas a identificar irregularidades, mas, de acordo com a “arqueologia” identificada no contexto dos discursos, para elucidar suas propostas e encaminhamentos dentro do processo de construção da ciência.

O autor (produtor) de um trabalho é definido como a “pessoa que o idealizou, definiu seus objetivos, material a ser estudado e os métodos a serem empregados” (MONTENEGRO, 1999, p. 159). Em outros termos, a autoria compreende “aquela pessoa ou aquelas pessoas indicadas ou identificadas nas obras como criadoras intelectuais das mesmas, seja de forma explícita, através de seu nome completo, seja de forma reservada, através de suas iniciais” (ASCENÇÃO, 1994, p. 26). Os autores são aqueles que executam as tarefas necessárias para idealização, produção e disseminação de um texto, seja ele material ou imaterial.

Nessas condições, é válido destacar que a “noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências” (FOUCAULT, 2001, p. 268). Ao autor, na perspectiva da construção, cabe-lhe fazer escolhas do ponto de vista das teorias e metodologias a serem adotadas no âmbito da produção (autoria). Vale ressaltar que, nesse caminho, o autor precisa fazer escolhas para elencar os aspectos que vão se fazer presentes na produção e, assim, constituir sua identidade produtora.

A concepção de autor apresenta-se de forma complexa por estabelecer uma relação entre função-autor, uma vez que

[...] a ideia de que o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza. Ele manifesta a ocorrência de certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no

interior de uma sociedade e de uma cultura. O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura certo grupo de discursos e seu modo singular de ser. Consequentemente, poder-se-ia dizer que há, em uma civilização como a nossa, certo número de discursos que são providos da função “autor”, enquanto outros são dela desprovidos. Uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem autor; um contrato pode ter um fiador, ele não tem autor. Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade (FOUCAULT, 2001, p. 13-14).

Essa concepção está intrinsecamente ligada à Linguística, pois, segundo Pêcheux (2014), os fenômenos linguísticos e as questões filosóficas são elementos contidos na Linguística e formados pelos processos ideológicos e científicos na construção do processo discursivo, mas que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 2014, p. 80).

O conceito de autor, para Azevedo Neto (2014), causou polêmica e divergências por volta do século XX pela sua imprecisão teórica e pelas questões de ordem pragmática, que rodeavam as concepções, até então, desenvolvidas. De forma subjetiva, a definição deve compreender os aspectos linguísticos, normativos e de conteúdos, uma vez que “o autor deve ser usado para a compreensão dos gestos, pelos quais os indivíduos se valem da linguagem, enquanto dispositivo, para burlar a própria lógica dessa linguagem” (AZEVEDO NETO, 2014, p. 163).

Para descobrir uma “identidade”, um autor, de acordo com Bauman (2005), precisa desprender-se dos problemas das “comunidades de ideias e princípios” que os cercam, de forma que as relações entre essas ideologias comportam as questões que um autor se propõe a desvendar. Ocorre que:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e denominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos (BAUMAN, 2005, p. 19-20, grifo do autor).

Para Foucault (2001), a autoria implica a libertação entre o tema e uma expressão, através de um jogo de signos, conduzidos pelo conteúdo com uma natureza própria e significativa, que possuem regras e que se manifestam na produção de um texto (escrito). A formulação de uma obra vai além da imortalidade do autor, ultrapassando a formação de um discurso, pois condiciona a manutenção de privilégios por constituir um jogo de representações para a formação de uma imagem do autor. Isso ocorre porque

[...] ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. Por outro lado, ele relaciona os textos entre si; [estabelecendo] entre eles uma relação de homogeneidade ou de filiação, ou de autenticação de uns pelos outros, ou de explicação recíproca, ou de utilização concomitante (FOUCAULT, 2001, p. 276).

O processo discursivo se instaura através da aplicação de modelos discursivos científicos, uma vez que o autor impõe-se no universo dos discursos, formando “um certo foco de expressão que, sob formas mais ou menos acabadas, manifesta-se da mesma maneira, e com o mesmo valor, em obras, rascunhos, cartas, fragmentos e etc.” (FOUCAULT, 2001, p. 281).

A autoria colaborativa, em essência, por sua vez, é resultado de uma produção realizada em coautoria, isto é, decorre da associação de dois ou mais autores que produzem uma mesma obra. Segundo Montenegro (1999), as primeiras obras literárias em cooperação (colaborativas) surgiram após a primeira guerra.

A coautoria é fundamental no processo de colaboração, uma vez que esse se dá com sua efetiva participação em uma produção, a partir do compartilhamento das responsabilidades sobre uma produção textual. Segundo Silva (2015), o aumento da produção e colaboração tem se destacado no contexto da Ciência da Informação e, para isso, tem por base as parcerias intrainstitucionais e interinstitucionais. Outra forma de aumento da parceria, segundo a autora, é o fortalecimento do vínculo e das relações entre a orientação e os grupos de pesquisa. Nos grupos de pesquisa, a distribuição entre os parceiros de produção não tem caráter definido, nem categorias de temáticas estabelecidas, diferentemente da orientação, que tem uma temática pré-estabelecida.

Na visão de Alves, Pavanelli e Oliveira (2014), a parceria com instituições internacionais tem aumentado a produção em colaboração de brasileiros com estrangeiros e tem atraído instituições de outros países para se associar às instituições brasileiras, e fomentarem pesquisas. O principal fator que motiva o aumento dessa produção é o fortalecimento dos vínculos que, além de produção, atuam na prospecção de novas parcerias para outras produções.

É imprescindível considerar essas condições de produção científica, porque, na visão de Kuhn (2007), várias escolas ou comunidades científicas, de forma compatíveis, abordam um objeto científico comum, e “os membros de uma comunidade científica veem a si próprios e são vistos pelos outros como os únicos responsáveis pela perseguição de um conjunto de objetos comuns, que incluem o treino dos seus sucessores” (KUHN, 2007, p.221).

Esse entendimento leva à compreensão de que a produção científica está organizada em aglomerados de relações disciplinares de alguns segmentos do conhecimento, sobretudo, por intermédio da formação dos seus autores e coautores, porém sinalizando para a construção de objetos de estudos em comum. Com efeito, Kuhn (2007) estabelece uma noção dialética ao afirmar que uma comunidade científica é composta por especialistas de uma área do conhecimento e que cada comunidade possui um objeto próprio de estudo.

Na produção em colaboração em que a formação ou as áreas de origem da autoria e coautoria não são as mesmas, o objeto de estudo deve estar alinhado, de forma que abarque uma relação de proximidade entre as diferentes áreas cooperantes. Outra característica importante desse tipo de produção é a interação entre teorias e metodologias para a efetiva relação disciplinar, de forma que é a partir dessas condições que uma relação entre disciplinas pode gerar produtos a partir de ações interdisciplinares.

4 A FORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A formação é um elemento importante e que deve ser observado, principalmente na Ciência da Informação, dadas as relações interdisciplinares nas quais se desenvolve. Isso pelo fato de esta característica se apresentar de duas maneiras: tanto em sua produção científica quanto na formação dos pesquisadores, ou seja, os docentes em Ciência da Informação possuem múltiplas formações.

Segundo Almeida (2006), a formação potencializa as ações na aquisição de saberes, nas relações entre saber-fazer e saber-ser nas atividades práticas de um indivíduo. Tais relações constituem o autodesenvolvimento, a experiência e a aprendizagem, pelo fato de o sujeito ser o “[...] articulador de suas finalidades, metas e valores. É ele também o responsável último pela ação de formar-se, ou seja, pela capacidade e pela vontade de formar-se” (ALMEIDA 2006, p. 177). Com efeito, na medida em que a produção científica se apresenta enraizada em teorias e metodologias abordadas na formação profissional, a produção em colaboração em Ciência da Informação apresenta aspectos inerentes às respectivas áreas de origem dos pesquisadores.

Para Saracevic (1978, p. 11), a comunidade da Ciência da Informação encontra-se ligada, em grande parte, às Escolas de Biblioteconomia, Computação e Administração e que “as poucas tentativas para colocar a Ciência da Informação em departamentos independentes não surtiram efeito”. Para ele, iniciativas como essas deveriam ser retomadas, pois tal medida ampliaria os índices de qualidade da Educação em Ciência da Informação, além de engrandecer todos os que ali participam.

O sucesso de uma profissão, e uma ciência, é diretamente proporcional ao grau e qualidade do envolvimento de suas instituições educacionais (incluindo membros individuais das faculdades) com a expansão e síntese do conhecimento. Não existe uma educação bem sucedida em Ciência da Informação sem, de uma forma ou outra, se envolver em pesquisa ou desenvolvimento. Entretanto, o grau de participação de educadores e instituições, em pesquisa e desenvolvimento, em Ciência da Informação vem declinando ultimamente - tal tendência deveria ser revertida (SARACEVIC, 1978, p. 11).

A partir da adoção de tais medidas, deverá construir inúmeros questionamentos sobre o seu fundamento interdisciplinar, mas longe dessa realidade, o caráter interdisciplinar ainda permeia na completude dos Programas de Pós-Graduação, no que se refere à formação dos pesquisadores, que compõe a comunidade científica da Ciência da Informação.

De acordo com Saracevic (1978), para resolver os problemas da denominada “explosão da informação”, a Ciência da Informação aparece com a finalidade, dentre outras

atribuições, de controlar e pesquisar a literatura técnica e científica ainda na década de 1930. Esta medida é propiciada por meio da colaboração e do desenvolvimento de outras subáreas com destaque para a Recuperação da Informação.

Tais situações, segundo o autor, ganham força na década de 1950, estabelecendo o processo de ligação entre pesquisa e educação, evoluindo com a colaboração entre a pesquisa e a prática na década de 1960, além de construir seu papel social efetivo por volta da década de 1970. Essas condições de desenvolvimento carecem aprofundamento por intermédio de pesquisas para que se possam aprimorar os estudos sobre Educação em Ciência da Informação, mais precisamente a partir da década de 1980.

O autor ainda destaca como fatores internos os aspectos da objetividade no processo de formação em Ciência da Informação, mas, para suprir tal necessidade, deve ser colocada em discussão a demanda da necessidade de informação, ligada ao sistema de informação que comporte a compreensão dos fenômenos envolvidos, ou seja, “os objetivos deveriam ser, no sentido de educar bons cientistas da informação: pessoas orientadas para o problema” (SARACEVIC, 1978, p. 9).

No processo de educação em Ciência da Informação, é conveniente diferenciar os tipos de profissionais da informação que são aqueles “que adquirem informação registrada em diferentes suportes, organizam, descrevem, indexam, armazenam, recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela” (LE COADIC, 1996, p. 106).

Ainda segundo o autor, há distinção entre (I) especialistas da informação, (II) profissionais da informação e (III) cientistas da informação. Os especialistas da informação são aqueles que exercem atividades diversas de avaliação, planejamento, buscas (manuais ou informatizadas) de informação, serviços de comunicação e de audiovisuais, administração de ambientes informacionais (bibliotecas, museus, arquivos, etc.), serviços editoriais e políticas documentais. Os profissionais da informação, por sua vez, são os que possuem formação universitária (seja de forma presencial ou virtual) de longa duração, considerados especialistas em informação ou empresários (venda) da informação. E, por fim, os cientistas da informação, são pesquisadores e docentes inseridos em universidades, centros de pesquisas, ou empresas que estudam as propriedades da informação e/ou trabalham com ela, além de desenvolver produtos e/ou sistemas de informação.

Embora a diversidade de profissionais e pesquisadores tenha sido considerada, de certa forma, para alguns autores supracitados, uma variável considerável no tocante à Ciência da Informação, é preciso visualizar que ela pode trazer consequências diversas para a produção

científica. Conforme Le Coadic (1996), é necessário considerar as limitações dessas relações que se estabelecem “naturalmente” nesse campo, uma vez que, segundo Saracevic (1978), no processo de Educação em Ciência da Informação, há a incidência de fatores internos e externos que influenciam na formação de pesquisadores.

Uma das variantes apontadas por Saracevic (1978) são as instituições acadêmicas que compactuam escolas de Ciência da Informação com diferentes abordagens sobre o profissional em formação, de acordo com as prerrogativas das instituições formadoras ao afirmar que “existe pouca uniformidade de tratamento, mesmo entre escolas da mesma categoria” (SARACEVIC, 1978, p. 07).

Dessa forma,

A Ciência da Informação não está sendo absorvida por estas várias escolas e departamentos; ao contrário, algo diferente está acontecendo. Escolas de Biblioteconomia costumavam ser Escolas de Biblioteconomia, agora, em número crescente, estão se transformando em Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ou de Serviços de Informação ou variações em números crescentes; diretores de escolas de Biblioteconomia são cientistas da informação ou perto de serem; Departamentos de Computação eram Departamentos de Computação, agora são Departamentos de Computação e Ciência (ou Ciências) da Informação. Escolas de Administração estão se orientando, em número crescente, para informação ou processo da informação. (SARACEVIC, 1978, p. 7).

Ao mesmo tempo em que se pode tornar uma fragilidade, há a necessidade de expansão da área que se apresenta a partir de escolas já estabelecidas e consideradas tradicionais, ganhando foco e espaço para sua difusão.

O que permitiu a expansão da Ciência da Informação foi a sua principal característica, a interdisciplinaridade, que é apontada sob diversas perspectivas no campo científico, tanto como fator particular, quanto problemático, de acordo com Saracevic (1996). Essa característica plural do ponto de vista da formação dos pesquisadores, conforme já discutido, abriu espaço para que pesquisadores de áreas, consideradas não tão próximas, ingressassem no campo da Ciência da Informação pelo simples fato de ser considerada uma ciência interdisciplinar, na qual é inserida pressupostos problemas informacionais.

Conforme destaca Pombo (2003), a interdisciplinaridade se apresenta a partir do momento em que se estabelece uma relação recíproca de teorias e/ou metodologias entre duas ou mais disciplinas, de forma que seja caracterizada uma efetiva relação mínima de convergência entre as disciplinas. Na Ciência da Informação, só é caracterizada uma ação interdisciplinar a partir do momento em que há uma “convergência”, no domínio do objeto de estudo de informação entre as disciplinas que buscam integrar-se. Embora haja discussões sobre a real “convergência” entre algumas das disciplinas mais presentes no campo da Ciência

da Informação, as disciplinas que se apresentam com maior frequência e, notadamente, estão constituídos a maior parte dos PPGCI, são Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Isso dá a entender que a Ciência da Informação constitui limites mais próximos das mesmas.

A pluralidade de formações presentes no campo, de acordo com Souza (2015), permite uma diversidade de pesquisadores em Ciência da Informação e, concomitantemente, a ampliação de temáticas dentro do seu campo de estudo e domínio, na tentativa de estabelecer uma relação entre a Ciência da Informação e suas disciplinas de origem. No entanto, é preciso destacar, segundo Pinheiro (2002), que há uma ênfase de abordagens sobre a questão da interdisciplinaridade que, ao mesmo tempo, consiste na ausência de estudos que aprofundem e consolidem o fundamento e a origem interdisciplinar da Ciência da Informação.

Nesse contexto, assevera: “O terreno interdisciplinar é muito vasto e inicialmente não foram explicitadas essas relações, além de não haver, ainda, consistência teórica, o que demanda mais estudos epistemológicos nessa linha” (PINHEIRO, 2002, p. 62). Neste anseio, é preciso destacar que não há uma padronização curricular, no tocante à formação do docente em Ciência da Informação.

Nesse sentido, a relação interdisciplinar que arrola a Ciência da Informação pode ser considerada como um fator positivo para que haja interação entre as disciplinas e, concomitantemente, pode-se tornar um obstáculo para o seu desenvolvimento. Além disso,

[...] outra questão é que há na literatura uma grande diversidade de disciplinas apontadas como cooperantes com a Ciência da Informação, mas, no conjunto, algumas se destacam tanto por serem mais comuns quanto por serem identificadas como aquelas que apresentam maior nível de interação. Com efeito, essas disciplinas são, quase sempre, listadas como úteis e, portanto, colaboradoras nos estudos e processos desenvolvidos no domínio da Ciência da Informação (SOUZA, 2015, p. 103).

Isso acontece porque o objeto de estudo da Ciência da Informação é amplo e peculiar, em algumas áreas de pesquisas e em diversos campos. Com efeito, quando relacionado à Ciência da Informação, “tanto pode estar num diálogo entre cientistas, em comunicação informal, numa inovação para o setor produtivo, em patente, numa fotografia ou objeto, no registro magnético de uma base de dados ou numa biblioteca virtual ou repositório, na Internet” (PINHEIRO, 2002, p. 62). O caráter eminentemente interdisciplinar, portanto, propicia o estabelecimento de relações entre disciplinas e, nessas condições, é oportuno destacar que a Ciência da Informação comporta uma disciplina em formação.

Em seu processo de formação, a Ciência da Informação, por muito tempo, utiliza-se das bases teóricas de disciplinas como História, Matemática, Sociologia etc., para tentar construir um “caminho” para seu desenvolvimento científico que foi aceito, porém, ainda

discutido no âmbito da Ciência. A proposição desse embate teórico implica a reflexão da discussão sobre a Ciência da Informação e questiona, ao mesmo, tempo seu *status* de ciência no campo empírico².

Nesse contexto, uma disciplina é entendida, segundo Lenoir (2004), como uma infraestrutura corporificada da ciência institucionalizada e aplicada na sociedade, constituída de uma identidade formadora ou vocacional, que estabelece problemas, métodos e define parâmetros, para resolver questões sociais. Para ele, “[...] a disciplina ajuda a estruturar as relações dos cientistas com textos particulares institucionais e econômicos. As disciplinas são mecanismos institucionais para regular as relações de mercado entre consumidores e produtores de conhecimento” (LENOIR, 2004, p. 64). A partir do momento que as disciplinas, com as características apontadas, tendem a expandir-se sobre outro campo, têm condições de integrar-se às outras. Isso é possível pelo fato de que cada uma carrega as teorias e metodologias das suas origens. No contexto da formação em Ciência da Informação esta se apresenta também de forma plural, devido ao seu corpo docente conter pesquisadores de múltiplas formações.

Uma disciplina firma *status* pelo campo do saber e pela formação de especialistas com habilidades, estabelecendo limites e fronteiras que distinguem um pesquisador de um simples indivíduo, ao ponto em que dentro de um regime se torna imprescindível para a organização e o estabelecimento de “condições limitantes de justaposição, interação e coexistência de práticas discursivas” (LENOIR, 2004, p. 70).

Não distante desse pensamento, torna-se importante o estabelecimento de prioridades relativas aos pesquisadores que usam o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação para pesquisas “definidas” como de caráter informacional, ponto de partida para pesquisas neste campo de conhecimento. Nessas condições, “pesquisadores que optam pela interdisciplinaridade necessitam aprender a linguagem e a cultura das diversas disciplinas, mesmo aquelas que se situam fora de seu campo de interesse” (SANTOS, 2007, p.52).

No processo de construção de uma ciência, é preciso lembrar que os elementos de sua composição estão dentro do contexto de outra ciência, e a sua desconstrução em espaços distintos, mesmo que considerados interdisciplinares, é caracterizada como “um elemento aparentemente arbitrário, composto de acidentes pessoais e históricos, sempre um ingrediente

² É preciso ressaltar que a não delimitação precisa da Ciência da Informação se configura em uma marca imanente das ciências pós-modernas, o que deve ser concebido como característica e não como um aspecto negativo e que poderia levar a críticas de não cientificidade da área (SILVA; FREIRE, 2012, p. 2).

formador das crenças esposadas por uma comunidade científica específica numa determinada época” (KUNH, 2007, p. 23).

Então, torna-se oportuno destacar que são favoráveis, a partir de uma visão da formação daquele integrante designado para formar competências, os parâmetros que constituem as influências já absorvidas por esse, durante seu processo de formação. Em outras palavras, um pesquisador com determinada formação é capaz de introduzir características da sua formação, para que possa influenciar aqueles que ainda estão em processo de formação.

Assim, é preciso considerar as contribuições de Japiassu (1976), ao afirmar que, para se constituir uma relação de interdisciplinaridade, torna-se necessária uma intensa relação de trocas entre pesquisadores ou de uma real integração entre disciplinas na busca de um objeto comum e de forma complementar, seja através de métodos, conceitos, estruturas e axiomas na forma de práticas pedagógicas.

Para a concretização da relação entre as disciplinas, “a superação dos limites que encontramos na produção do conhecimento e nos processos pedagógicos e de socialização exige que sejam rompidas as relações sociais que estão na base desses limites” (THIESEN, 2007, p. 93). A partir de então, é preciso destacar que, na Ciência da Informação, a prática da integração ainda ocupa um espaço não preenchido de pesquisas, principalmente as de cunho prático, que exploram a relação entre as disciplinas que trabalham com a informação (SOUZA; DIAS, 2011).

Embora outras ciências ou disciplinas atuem de forma indireta com a informação e, por isso, possuam um estatuto “periférico” do fenômeno informacional, é dever dos pesquisadores delas originários fazer movimentos de deslocamento e aproximação do conjunto integrado do campo da ciência da informação e, a partir daí, estabelecerem relações com suas respectivas áreas de origem (SOUZA; DIAS, 2011, p. 60).

A partir daí, a integração poderá, de fato, ocorrer de forma que as disciplinas, que têm a informação como ponto de partida para estudos e pesquisas, consigam alinhar aos parâmetros que a Ciência da Informação estabelece, não obstante, apenas a justificativa de que a interdisciplinaridade comporte tal exigência. Ademais, os pontos devem-se alinhar para que o nível de convergência distribua as condições necessárias para o compartilhamento, seja de teorias e metodologias entre as disciplinas, de forma adequada para com os conceitos, ou as teorias e as metodologias propostas por cada disciplina.

Essa peculiar característica da Ciência da Informação constitui o que Souza (2015) denomina de “pluralismo epistemológico”, em que “a multiplicidade e a complexidade dos problemas tratados produzem efeitos de cobertura e de integração das diversas facetas do

objeto complexo da informação” (SOUZA, 2015, p. 178). O autor aponta como um dos produtos dessa relação pluralista a carência do campo disciplinar aliado à grande necessidade de se constituir pontes para preencher as lacunas entre espaços teórico-metodológicos.

Assim, vários cientistas, dentre os quais, Engenheiros, Bibliotecários, Documentalistas, Cientistas da Computação, etc. reuniram esforços para solucionar os problemas informacionais detectados, desenvolvendo estratégias, notadamente auxiliados por ferramentas tecnológicas para a organização do caos informacional.

Então, consta-se que, na produção científica da Ciência da Informação, há uma multiplicidade de profissionais com formações distintas, mas que tem como foco os problemas informacionais, como condição fundamental para ingressar na área, mas que, ao mesmo tempo, trazem consigo conceitos, teorias e metodologias de suas respectivas áreas de formação.

As relações que são estabelecidas, a partir da produção científica- e, na Ciência da Informação, paralelamente ao processo de formação - devem ser verificadas e analisadas pelo fato de sua constituição estar diretamente ligada às construções ideológicas e se encontram inseridas na tentativa de reprodução/transformação estabelecida dentro das relações de produção científica (PÊCHEUX, 2014).

Esses empreendimentos ideológicos estão repletos de teorias e metodologias, muitas vezes, implícitas e que se apresentam na produção científica, uma vez que:

Se é verdade que a ideologia “recruta” sujeitos entre os indivíduos e que ela os recruta a *todos*, é preciso, compreender de que modo os “voluntários” são designados nesse recrutamento, isto é, no que diz respeito, de que modo os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem, enquanto “sujeitos-falantes”(PÊCHEUX, 2014, p. 144, grifo do autor).

Nessas condições, configuram-se como presentes no campo da Ciência da Informação uma diversidade de identidades e ideologias, a partir do momento em que as formações plurais se fazem presentes na produção científica nessa área. As ideologias dos sujeitos que se fazem presentes no campo da Ciência da Informação podem conter a perspectiva de crescimento e propagação das suas áreas de origem e, ao mesmo tempo, preencher espaços nas pesquisas, dadas às condições e relações que são estabelecidas com o objeto de estudo desta área.

É importante considerar que, nas palavras de Kuhn (2007, p. 220), “uma comunidade científica é formada pelos praticantes de uma especialidade científica. Estes foram submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similares”. Nesse cenário é importante que se busque certa integração na formação do cientista da informação.

Assim, a concepção ideológica ou de identidade de uma disciplina pode estar sendo submergida por outra e, no caso da Ciência da Informação, a produção científica não esteja adequada para cumprir o rigor teórico-conceitual que a área exige. Em outras palavras, a produção científica em colaboração, a partir de indivíduos que tenham origens de formação distintas, em seu processo de construção, tem a capacidade de constituir-se de forma subordinada teórica e metodologicamente pela sobreposição de uma das disciplinas em relação à outra, durante sua construção. O fato é que algumas escolas consideradas interdisciplinares abordam o mesmo objeto, entretanto de acordo com Kuhn (2007) podem estar visualizando objetos distintos.

Ainda segundo o autor, dentro do processo de construção de uma identidade, considerada como indicação de responsabilidade, é preciso estabelecer os limites entre o pensamento e o desejo. Os efeitos de sentido no processo de produção científica podem estar ligados ao que o autor chama de “forma-sujeito do discurso”, na medida em que

[...] a evidência de sentido seja estritamente contemporânea à interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se exprime, como dissemos, por sua identificação com a formação discursiva que o domina, onde ele se encontra “encravado” na condição de sujeito – e esse “encravamento” se desloca juntamente com a própria dominância no decorrer da formação do sujeito. Trata-se, pois, de uma identificação imaginária que diz respeito à “gênese do ego”, ao ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo, à sua identificação com os traços do objeto na representação que o sujeito “possui” desse objeto... (PÊCHEUX, 2014, p. 241-242, grifo do autor).

Assim, no campo da Ciência da Informação, o discurso do sujeito produtor não deve atenuar-se às ações interdisciplinares, mas ao problema informacional, pois esse “discurso” pode estar adstrito aos preceitos individuais ou, até mesmo, “encravados” em outros domínios, caracterizados pela formação do sujeito-produtor.

Nesse sentido, para Pêcheux (2014), é preciso abandonar a noção de pré-construído³ no contexto da forma-sujeito, para buscar uma nova identificação ideológica. A partir de então, para que se estabeleça a relação interdisciplinar, é necessário que haja interação entre disciplinas e, na produção científica, essa relação precisa estar explícita, caso realmente esteja presente.

As escolas de Ciência da Informação têm, deliberadamente, empreendido esforços, para ampliar seus parâmetros, bem como os níveis de avaliação pelas entidades financiadoras, com o intuito de expandir-se, principalmente, naqueles em que comportam apenas mestrado (para comportar cursos de doutorado). O processo de implantação de novos cursos e áreas

³ “[...] modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 144).

temáticas, segundo Pinheiro (2007), tem sido premeditado em alguns eventos científicos da área e vem expandindo-se consideravelmente nos últimos anos, considerado fruto do processo de institucionalização acadêmica da Ciência da Informação.

Em maior parte, as Escolas de Ciência da Informação concentram-se nas regiões Sul e Sudeste, provavelmente pela maior capacidade econômica, industrial e tecnológica que auxiliam o desenvolvimento da Ciência. Segundo Pinheiro (2007), as escolas de Ciência da Informação no Brasil tiveram sempre como ponto de partida as atividades incididas pelo IBICT e receberam “influência, tanto a europeia, especificamente as ideias de Paul Otlet, no IBBD/IBICT, quanto a anglo-americana. Como os EUA são o país que até hoje detém o maior volume de produção científica e avanços mais expressivos, a Ciência da Informação teve no Brasil berço sólido” (PINHEIRO, 2007, p. 06).

As iniciativas de consolidação da Ciência da Informação no Brasil ocorreram paralelamente ao movimento de integração entre academia e instituições que promovem a C&T como propostas principalmente pelo IBICT, que teve significativa participação nesses movimentos. Outro fator que contribuiu para tal, é representado pelos eventos que ocorrem em todo o Brasil, como o ENANCIB.

Paralelamente, estão agregados a esse processo os serviços e produtos informacionais, estudados pela Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, uma vez que “essa organização acaba por institucionalizar as aproximações profissionais e teórico-metodológicas entre esses campos de atuação” (SOUZA, 2012, p. 61).

Nesse contexto, a Pós-Graduação em Ciência da Informação tem se constituído em instituições que apresentam a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia tendenciadas a explorar áreas do conhecimento que

[...] possuem, em comum, a definição do objeto de estudo para além dos acervos custodiados, das dinâmicas institucionais e das técnicas de tratamento das coleções. Voltam-se para os fluxos, para o imaterial, para as interações entre os usuários e os arquivos, as bibliotecas e os museus. Mais do que no acesso, pensam nos usuários como sendo também produtores. Problematicam realidades em que ainda não existe a intervenção arquivística, biblioteconômica ou museológica. Em suma, voltam-se não mais para os produtos (os livros, os documentos, os objetos), mas para a própria ação humana de criar, interpretar, usar, selecionar e distribuir os vários produtos e registros do conhecimento. E é aí que existe um ponto de contato com o conceito de informação (ARAÚJO, 2011, p. 126).

No contexto da formação dos pesquisadores em Ciência da Informação, é preciso verificar as condições em que essa é realizada e, ao mesmo tempo, verificar a participação das “Escolas Invisíveis” que atuam nesse processo. A área de origem daqueles que (se) formam

Cientistas da Informação pode impor um rigor teórico-metodológico e propagar, dessa forma, seus interesses/enfoques, em relação à pesquisa e à produção científica.

Os aspectos constituintes dos formadores do conhecimento podem ser capazes de influenciar tanto no processo de formação, como no processo de aprendizagem, uma vez que os princípios adotados pelas instituições formadoras em Ciência da Informação são constituídos de duas visões epistemológicas sobre o comportamento dessa ciência na sociedade: as influências norte-americana e europeia.

Não se pode negar que as influências recebidas caracterizaram-se desde a premissa pluralista e tecnológica, que arrolavam a sociedade, mais precisamente durante o período da II Guerra Mundial. Essa foi, segundo Rabello (2012), uma das principais vertentes para a eclosão da Ciência da Informação e que hoje ainda busca o aparato teórico-metodológico, considerando que ainda existe espaço, até a sua estabilização, no percurso da construção do conhecimento, devido ao seu pouco tempo de aprofundamento sobre questões epistemológicas.

Nessa perspectiva, é preciso destacar que o pluralismo epistemológico presente no campo da Ciência da Informação, apontado por Souza (2015) e condicionado pelo imperialismo tecnocientífico, além da expansão das atividades informacionais, causada pela economia da informação, na qual vive a sociedade, pode estar diretamente ligada ao seu processo de consolidação que, em certa medida, pode ter sido causada pelas influências instauradoras da Ciência da Informação no Brasil.

Uma das características do conhecimento contemporâneo, conforme abordado por Raynaut (2014) e Maranhão (2010), é inerente à capacidade de integrar especialistas com formações distintas, que se apresentam em colaboração para desenvolvimento da ciência. É preciso, no campo da Ciência da Informação, definir os critérios de influências, a partir da produção científica, pois é a partir do “comportamento interdisciplinar”, tomado na literatura científica que, em certa medida, configuram movimentos de aproximação e de afastamento das áreas do conhecimento presentes na Ciência da Informação.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A ciência, segundo May (2004), busca a compreensão e a explanação dos fatores sociais, focando nas questões particulares, para desafiar crenças que, ao longo do tempo, foram estabelecidas entre o mundo social e natural. Notadamente, “as ciências sociais são mais complexas (e mais emocionantes) do que qualquer definição única de suas atividades poderia abranger por exemplo, estão em franca disputa o que constitui uma ‘ciência’, a natureza dos seus métodos e os tipos de dados que a mesma deveria coletar” (MAY, 2004, p. 22). No complexo espaço do conhecimento, sobretudo, no universo das Ciências Sociais, a Ciência da Informação habita e faz parte desse intrínseco domínio do conhecimento.

A pesquisa científica se caracteriza por “um conjunto de ações, propostas para encontrar uma solução para um problema, que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20). Deve-se, para isso, definir o objeto de estudo para selecionar a melhor forma metodológica, definir os melhores caminhos a serem seguidos e, conseqüentemente, concretizar os objetivos propostos.

Para desenvolver uma pesquisa científica, torna-se necessária a construção de um corpus metodológico que, segundo Gil (2002), destina-se a correlacionar as bases teóricas que serão utilizadas na análise e na investigação dos dados coletados, com o conjunto de técnicas, métodos e procedimentos de estudos adotados pelo pesquisador. De acordo com o autor, a função da metodologia consiste, então, em viabilizar a obtenção dos dados a serem estudados, que servirão para o enriquecimento dos conhecimentos científicos.

Nessa perspectiva, é preciso descrever as características da pesquisa que se apresenta e, assim, definir os métodos científicos adequados, por intermédio da reunião de atividades sistemáticas para traçar a melhor maneira de alcançar os objetivos pré-definidos (MARCONI; LAKATOS, 2003). É a partir do percurso metodológico que são definidos os parâmetros e requisitos para a prática da pesquisa; então, é preciso elencar os passos a serem tomados, para alcançar os objetivos anteriormente propostos.

5.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa do tipo bibliográfica é caracterizada por se desenvolver a base de material já elaborado. Assim, neste trabalho utilizou-se como procedimento de coleta de dados, de acordo com Gil (2002), a técnica de levantamento bibliográfico. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de

fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. O referido levantamento foi realizado nas bases do repositório *Benancib – Questões em Rede*, que indexam e armazenam as comunicações realizadas nos ENANCIB.

De acordo com Gil (2002), segundo os objetivos, a pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva. O aspecto exploratório se deve ao objetivo de explorar um determinado espaço, onde se possa tomar conhecimento sobre um determinado conteúdo e familiarizar-se com uma temática, sendo “bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p. 41). E, complementarmente, o aspecto descritivo tem como referência a capacidade de “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Na busca pelo objeto, desenvolveu-se uma pesquisa social que, segundo May (2004), não trata-se somente de coletar observações sobre o mundo social, mas explicá-las de acordo com os quadros teóricos, que apontam as ações dos indivíduos, bem como as decisões que o fizeram descrever tais escolhas.

Foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa, referente às implicações da formação da autoria na produção colaborativa na Ciência da Informação, na medida em que coordenou, a um só tempo, um conjunto de dados passíveis a serem mensuráveis e outros apenas caracterizáveis. Conforme esclarecem Silva e Menezes (2011), tratou-se de uma pesquisa quantitativa, pela capacidade de mensurar dados.

Adicionalmente, segundo Lima (2001) esclarece, referiu-se a uma pesquisa qualitativa, na medida em que se caracterizou, a um só tempo, o enfoque investigativo, para compreender o fenômeno e descrever o objeto de estudo através da interpretação das ações em uma realidade dentro da sociedade.

Para constituir um domínio da pesquisa, foi necessário traçar um espaço, devido à complexidade que a pesquisa abrangeu. Nesse caso, a delimitação se tornou um fator determinante para a execução da pesquisa, ressalvada as condições de sua aplicação.

5.2 Universo e Amostrada Pesquisa

No horizonte da definição do domínio da pesquisa, é importante considerar, preliminarmente, que “a delimitação do universo consiste em explicitar que pessoas ou coisas, fenômenos etc. serão pesquisados, enumerando suas características comuns, como por

exemplo, sexo, faixa etária, organização à que pertencem, comunidade onde vivem etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 223).

Ainda conforme Marconi e Lakatos (2003), o universo da pesquisa compreende o conjunto de fenômenos, fatos ou dados que apresentam, pelo menos, uma característica comum. Dessa forma, o universo da pesquisa foi composto pelo conjunto de comunicações com autoria em colaboração, ou seja, produzidas por mais de um autor, apresentadas no ENANCIB.

Para Gil (2002), a amostra corresponde a uma parte do universo, selecionada para pesquisa de acordo com critérios definidos, podendo ela ser probabilística ou não-probabilística. Para selecionar a amostra foram verificadas as edições XIII, XIV, XV e XVI do ENANCIB. A pesquisa teve, portanto, como sujeitos os pesquisadores da produção colaborativa no campo da Ciência da Informação, compreendidos nas publicações do ENANCIB nas referidas edições, que foram realizadas entre os anos 2012 e 2015. Essas edições foram escolhidas por abranger as comunicações mais recentes do ENANCIB.

A partir de então, obteve-se um quadro da produção científica em Ciência da Informação no Brasil, que permitiu mapear a produção em colaboração, compreendida nas publicações de múltipla autoria. Então, com o quadro da produção em colaboração, a etapa seguinte compreendeu a caracterização da formação dos autores que atuam de forma colaborativa.

Complementarmente, na caracterização da formação da autoria, foi realizado um levantamento documental nos currículos dos autores na *Plataforma Lattes* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, quando necessário, foi verificado nos sites dos PPGCI's, recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), para obter a maior quantidade de informações possíveis sobre a formação dos pesquisadores.

5.3 Organização e Sistematização dos Dados

A sistematização dos dados foi realizada, de acordo com Gil (2002), seguindo os critérios de referência lógica e de conteúdo, ou seja, a partir do levantamento, os dados foram sistematizados com foco na formação da autoria da produção colaborativa na Ciência da Informação. A partir do levantamento dos dados quantitativos, são apresentados em gráficos e quadros os números relativos aos autores presentes na produção em colaboração em Ciência da Informação no Brasil, relacionado com suas respectivas formações.

Dessa forma, foi alcançado um dos objetivos, a saber, o mapeamento da produção colaborativa no campo da Ciência da Informação no Brasil, proposto pela pesquisa. Em seguida, foi analisada a *Plataforma Lattes* do CNPq, para verificar a formação de origem dos pesquisadores da produção colaborativa.

Para aqueles que têm mais de uma formação, foi selecionado a primeira, pelo fato de que, em sua formação inicial, houve o primeiro contato com referenciais teórico-metodológicos que poderiam estar presentes até em outra formação subsequente, assim, pela influência desta, acarretará na posterior. De acordo com Almeida (2006), a formação fortalece a aquisição dos saberes e estimula, a partir da experiência, a aprendizagem de um indivíduo. Portanto, ela consegue intervir sobre um novo conhecimento. Então, utilizaram-se gráficos e quadros, para apresentar a formação da autoria da produção colaborativa em Ciência da Informação, também objetivo da presente pesquisa.

Com a proposta de caracterização da formação dos autores, foi consultada a *Plataforma Lattes*, conforme anteriormente mencionado, que possibilitou a apresentação das redes de colaboração dos pesquisadores, bem como a formação de cada um. Para isso, objetivou-se a construção de um gráfico que apresente a concentração das formações presentes na produção científica em Ciência da Informação.

5.4 Análise e Discussão dos Dados

Uma vez sistematizados, parte dos dados foi apresentada em gráficos, dada a característica quantitativa, e parte apresentada em formas de categorias, buscando estabelecer a relação com os referenciais teóricos, conforme sugere Gil (2002). As categorias escolhidas para análise foram: comunicações por edição; produção individual e produção em colaboração; formação da autoria da produção em colaboração.

A análise de dados na pesquisa científica corresponde, segundo Marconi e Lakatos (2003), ao núcleo central da pesquisa, onde são apresentadas relações entre o objeto estudado e os referenciais teórico-conceituais, bem como as operações a que se propõe.

Ainda segundo as autoras, a análise se deu a partir de três níveis: interpretação, explicação e especificação. A primeira buscou verificar as relações entre variáveis dependentes e independentes, na tentativa de ampliar o conhecimento acerca de um fenômeno. A segunda consistiu em esclarecer a origem de uma variável dependente com as estruturas que as antecedem. A terceira, por sua vez, estabeleceu um grau de validade, de forma explicativa, dos níveis de relações entre as variáveis.

Para dar ênfase à característica qualitativa da pesquisa, a análise se deu a partir da exploração minuciosa da literatura, apontada na coleta dos dados. Esta etapa, segundo Minayo (2009, p. 27), ultrapassa a simples classificação de opinião, consistindo na “descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações”.

A organização sistemática dos dados permitiu alcançar os objetivos propostos pela pesquisa: apontar as implicações da formação na produção colaborativa da Ciência da Informação no Brasil, de forma específica nas áreas que contemplam a maior parte da produção científica, por intermédio da apresentação dos dados em gráficos e em quadros, de forma quantitativa e através da análise dos mesmos, de forma qualitativa, de modo a ratificar a hipótese apresentada.

6 RESULTADOS DA PESQUISA

A produção em colaboração na Ciência da Informação é marcada pela relação entre pesquisadores de diferentes campos de origem, que, conforme Souza (2015), caracterizam-se, cada vez mais, de formação plural e em níveis acadêmicos distintos. O estudo da formação tem por objetivo compreender os efeitos que essa traz para a área e colabora para o seu crescimento, tendo, como consequência, a análise da influência dessa característica para o campo, sobretudo, em relação à compreensão da necessidade dos pesquisadores de outros campos abandonarem as suas áreas de origem para se debruçar no campo da Ciência da Informação, em nível de pós-graduação.

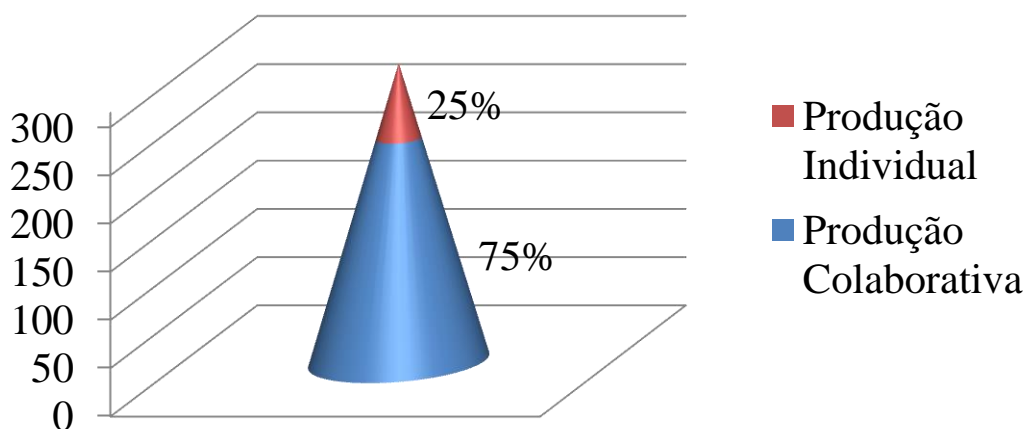
Em busca dessa compreensão, foi mapeada a produção em colaboração, a partir dos anais do ENANCIB, para identificar a autoria da produção colaborativa e caracterizar a formação dos autores e coautores da produção, buscando compreender os efeitos da autoria na produção científica em Ciência da Informação no Brasil.

A produção em colaboração traz muitos benefícios para uma ciência, conforme destacado por Vanz e Stump (2010), por ampliar a discussão sob diferentes visões. Este tipo de produção possibilita outras perspectivas sobre um determinado objeto, pois, de acordo com Balancerni (2005), resulta de diferentes esforços em cooperação em uma produção. A produção em colaboração, em conformidade com Lee e Bozeman (2005), é característica das ciências consideradas complexas e interdisciplinares, domínio onde alguns autores situam a Ciência da Informação.

Os gráficos de 1 a 4 apresentam a produção individual e colaborativa. Inicialmente, o gráfico 1 apresenta a distribuição da produção individual e colaborativa na 13ª edição do ENANCIB, que realizou 309 publicações, dessas, 78 comunicações se apresentaram na modalidade individual, correspondendo a 25% . Nesta edição, a produção colaborativa foi identificada em 231 comunicações, representando 75%.

Os resultados apontados no gráfico 1 mostram que neste ano a produção do ENANCIB superou a média da produção e que, conseqüentemente, o número de publicações em colaboração também se elevou. A partir do momento em que a colaboração aumenta, supõe-se que o número de pesquisadores aumenta, o que pode acarretar também em uma maior variação plural de formações presentes na produção científica em Ciência da Informação.

Gráfico 1 – Produção individual e produção colaborativa na 13ª edição do ENANCIB

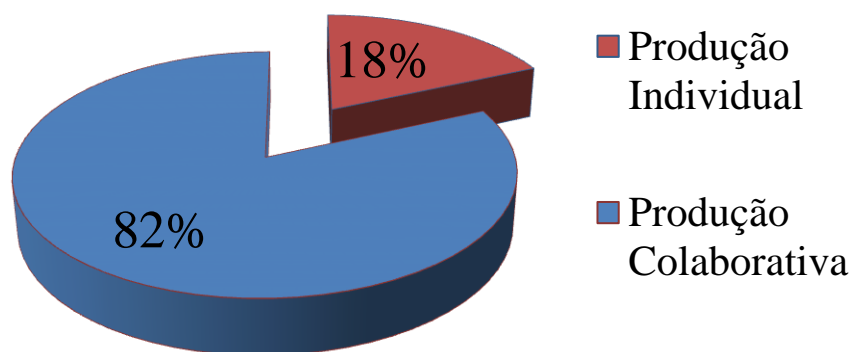


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Os eventos, sobretudo, científicos têm uma participação significativa na impulsão para a produção em colaboração pela capacidade de reunir pesquisadores de diferentes regiões, mas com um objetivo em comum, como é o caso do ENANCIB, que pesquisam temáticas correlatas, conseguindo, assim, aproximação com outros pesquisadores.

O gráfico 2 apresenta a distribuição das comunicações individuais e coletivas, apresentadas na 14ª edição do ENANCIB. Essa edição contou com 316 comunicações, sendo 58 de forma individual e 258 de forma colaborativa. Visualizando o gráfico 2, é possível compreender o aumento da produção em colaboração em Ciência da Informação na 14ª edição, em relação à edição anterior.

Gráfico 2 – Produção individual e produção colaborativa na 14ª edição do ENANCIB



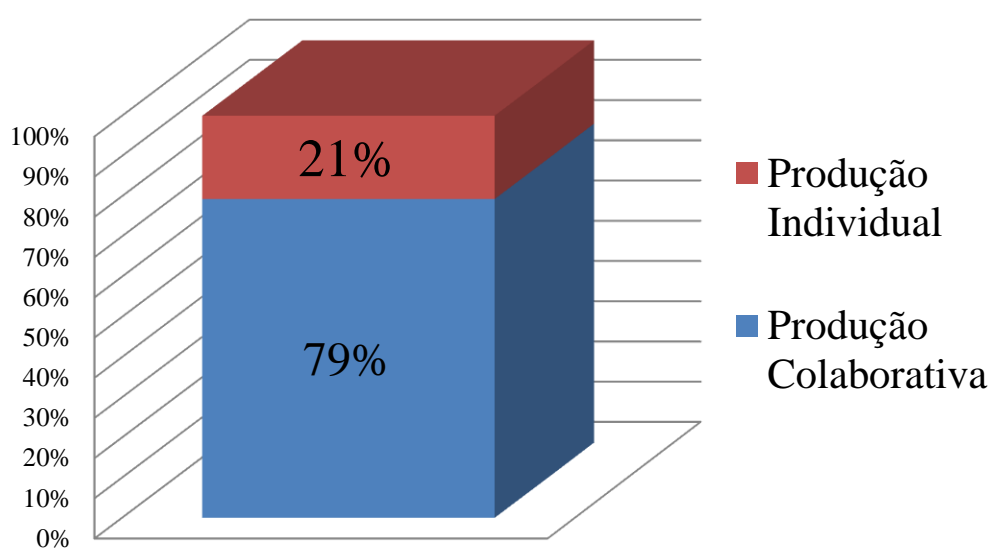
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

É possível compreender também que a produção em colaboração tem aumentado a cada edição do evento. Isso pode levar ao entendimento de que há uma aproximação entre os objetos dos pesquisadores, pela capacidade de integração na produção científica aliada, ao mesmo tempo, ao crescimento da comunicação científica, considerada um dos movimentos propulsores para a comunicação científica apontada por Targino (1999).

A colaboração de forma coordenada e compartilhada, em consonância com Balancerni (2005), de forma não hierárquica e com responsabilidades mútuas das ações desenvolvidas na produção, conforme Damiani (2008), resulta em crescimento para um campo científico. Na Ciência da Informação, segundo Kobashi e Tálamo (2003), o crescimento da produção e colaboração, conforme o gráfico 2, revela que o número de pesquisas tem aumentado e, conseqüentemente, colaborado para o desenvolvimento e amadurecimento do seu campo.

O gráfico 3 mostra a produção individual e a produção colaborativa apresentada no ENANCIB em sua 15ª edição.

Gráfico 3–Produção individual e produção colaborativa na 15ª edição do ENANCIB

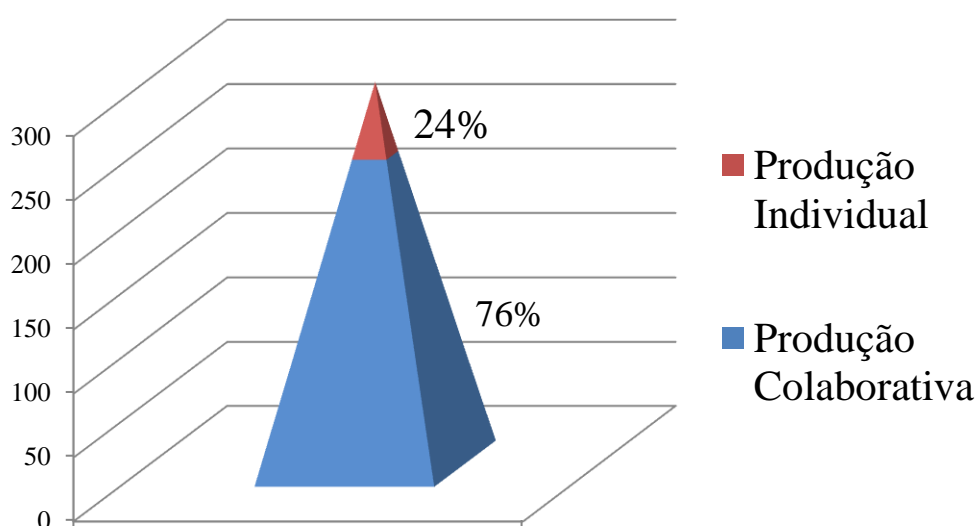


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nesta edição, o ENANCIB recebeu o maior número de comunicações, totalizando 343, sendo que 71 foram produzidas de forma individual e 272 colaborativamente, ou seja, 21% foram realizadas por apenas um autor e 79% por mais de um autor. Tais condições mostram que a pesquisa em colaboração tem aumentado significativamente, conforme apontaram Katz e Marin (1997), ao destacar o valor da colaboração e da cooperação para o crescimento do conhecimento.

O crescimento do número de pesquisas é também apontado por Damiani (2008) e Vanz e Stump (2010) como um fator de visibilidade da área, que culmina no crescimento da literatura por meio da produção e das trocas de experiências entre os pesquisadores. Uma característica importante, para justificar o aumento do número de comunicações foi a expansão dos cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação, em diversas regiões do Brasil, fazendo com que as comunicações sobre as pesquisas alavanquem, principalmente de forma colaborativa.

Gráfico 4 – Produção individual e produção colaborativa na 16ª edição do ENANCIB



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Na 16ª edição, a produção científica analisada totalizou 297 comunicações. A produção colaborativa refere-se a 240 comunicações, o que representa 76% da produção nesta edição. A produção individual, por sua vez, correspondeu a 57 comunicações, que representa 24% da produção desta edição.

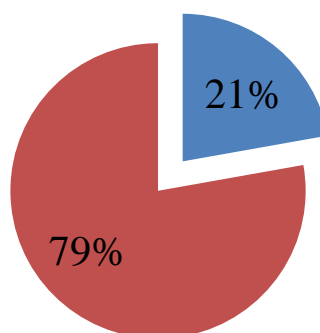
Esta edição obteve o menor número de percentual de pesquisas no geral, entretanto, não foi a edição que houve o menor número de comunicações de forma colaborativa, quando comparadas com edições anteriores, o que mostra uma produção em colaboração consistente na Ciência da Informação. Isso sinaliza que cada vez mais os autores a buscarem a produção em colaboração, fato que proporciona, segundo Balancerni (2005), Subramanyam (1983) e Katz e Martin (1997) uma aproximação de objetos, que é um dos principais fundamentos para a produção em colaboração.

A colaboração tem tornado uma prática crescente na Ciência da Informação, pois, cada vez mais, os pesquisadores estão se relacionando na produção científica em nível de pós-graduação, que, segundo Lee e Bozeman (2005), é uma característica de áreas interdisciplinares.

Em síntese, somando-se todas as comunicações realizadas nas 4 edições do ENANCIB, têm-se o total de 1.265 comunicações, sendo que dessas, 264 foram realizadas de forma individual e 1.001 de forma colaborativa, conforme o gráfico 5. Além disso, em média, foram produzidas por edição 316 comunicações, sendo 66 comunicações individuais e 250 comunicações em colaboração.

Gráfico 5 – Produção individual e produção colaborativa nas edições do ENANCIB

■ Produção Individual ■ Produção em Colaboração



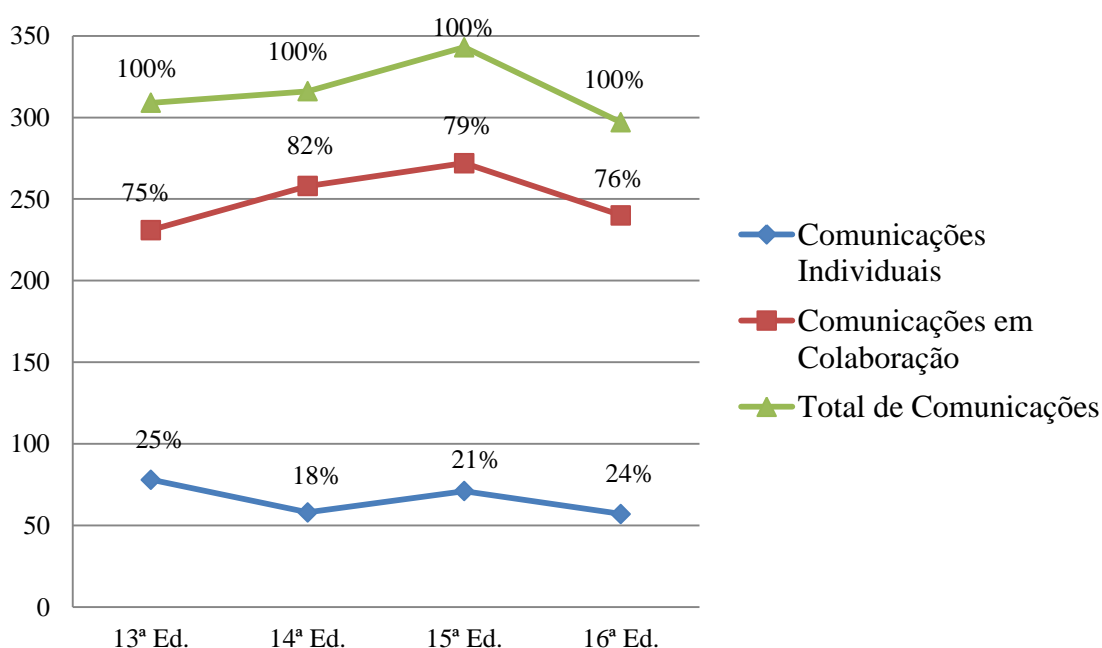
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

O gráfico 5 evidencia que a produção científica em Ciência da Informação tem caminhado sobre as trilhas da colaboração, tomando como base uma comunidade plural, conforme apontara Souza (2015). Isso permite que, de acordo com Raynaut (2014) e Maranhão (2010), a comunidade, embora composta por sujeitos com formações distintas, consiga aproximar os objetos e concretizar maior e melhor integração na produção científica em Ciência da Informação.

Torna-se oportuno destacar que, pela grande presença da pluralidade na produção científica analisada, com formações diversas, é preciso estudar mais de perto as relações que as disciplinas estabelecem com a Ciência da Informação, pois de acordo com Kuhn (2007), dois pesquisadores podem enxergar objetos distintos, em um mesmo espaço.

O gráfico 6 apresenta a dinâmica da comunicação científica, realizada nas últimas cinco edições do ENANCIB. A produção em colaboração sempre apresentou altos índices nas edições analisadas, com diminuição crescente da produção individual, demonstrando que a Ciência da Informação é uma área do conhecimento em que os pesquisadores buscam, cada vez mais, a cooperação.

Gráfico 6 – Dinâmica das comunicações nas edições do ENANCIB



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

É preciso observar o contexto dessa produção colaborativa, pois, de acordo com Raynaut (2014) e Maranhão (2010), é a partir da colaboração que os critérios de influências dos pesquisadores assumem um papel de comportamento interdisciplinar, em que há a dinâmica de movimentos de aproximação e afastamento entre objetos no contexto da produção científica.

No que se refere à autoria, a produção em colaboração contou com a participação de pesquisadores com formações múltiplas e de diferentes titulações. Essa variação de formações e titulações tem proporcionado avanços significativos para a Ciência da Informação. De acordo com Vanz e Stumpf (2010) e Lee e Bozeman (2005), a formação múltipla faz com que a produção e a colaboração cresçam, devido à economia de tempo e, dessa forma, proporciona o trabalho colaborativo. As relações entre autores de diferentes titulações produzem estímulo intelectual, uma vez que pesquisadores com titulação superior a outros em uma produção colaborativa tem a capacidade transmitir experiências para seus parceiros de produção.

Entretanto, é preciso observar como está se dando a produção, uma vez que, na prática, não é possível mensurar o nível de colaboração entre os autores, por envolver características impassíveis de mensuração a partir da simples leitura, conforme Subramanyan (1983) destacou.

Ainda segundo Subramanyan (1983), a natureza de uma produção científica é muito dinâmica e complexa, pois elementos, como a observação e a entrevista não são capazes de possibilitar uma verificação dos níveis de colaboração numa produção. Ele ainda destaca que, em seu desenvolver, as pesquisas podem mudar o objeto durante seu percurso, a partir de situações encontradas pelo pesquisador. Outro fator importante a ser destacado, é que a colaboração deve seguir uma mesma linha de raciocínio teórico e metodológico, pelo fato de que, a partir dos aglomerados disciplinares, os pesquisadores devem ter a compreensão de um único espaço diferente de sua área de formação, ou seja, são pesquisadores de origens distintas, mas com objetivos propostos compartilhados.

A produção científica em Ciência da Informação não se constitui como tarefa simples, principalmente para os pesquisadores que possuem formação em áreas mais distantes. O fato é que, em conformidade com Kuhn (2007), cada comunidade possui objeto bem delimitado e esses pesquisadores podem observar objetos diferentes do que a comunidade científica considera na Ciência da Informação.

Os quadros de 1 a 4 referem-se à formação de autores das comunicações apresentadas na quatro edições do ENANCIB estudadas. Os mesmos foram elaborados, buscando o alcance de dois objetivos da pesquisa, a saber, autoria da produção colaborativa e caracterização da formação dos autores da respectiva produção. Então, verificou-se a formação de origem dos pesquisadores com publicação no ENANCIB por edição.

Na 13ª edição, foram mapeados, nas comunicações em colaboração, 525 autores. Em análise, a partir da plataforma *Lattes*, foram constatadas 43 diferentes formações dos autores das comunicações, conforme destaca o quadro 1.

Percebe-se o envolvimento de pesquisadores com formações consideradas próximas da Ciência da Informação como é o caso da História (20 autores) e da Arquivologia (14 autores). Isso mostra, na produção científica, que é possível encontrar Historiadores e Arquivistas que produzem em colaboração com pesquisadores de outras formações. Tal fato implica acreditar que essas disciplinas conseguem dialogar com outras áreas e construir aproximações entre seu objeto com a Ciência da Informação.

O quadro 1 mostra também que há, na produção científica, a presença de formações, consideradas distantes da Ciência da Informação, como autores com formação em Engenharia

Metalúrgica e Odontologia. Tais formações compostas por dois pesquisadores, com comunicações em colaboração e autores de outras formações. Isso significa que é possível a comunhão entre os objetos dos pesquisadores dessas áreas na Ciência da Informação.

Quadro 1 - Formação de autores das comunicações apresentadas na 13ª edição do ENANCIB

Formação	Pesquisadores $f(x)$
Biblioteconomia	152
História	20
Ciência da Computação	16
Comunicação Social	16
Arquivologia	14
Letras	13
Ciências Sociais	11
Museologia	9
Ciências Biológicas	8
Processamento de Dados	7
Psicologia	6
Pedagogia	5
Administração	4
Ciências Econômicas	4
Engenharia Civil	4
Medicina	4
Artes Plásticas	3
Ciências Contábeis	3
Desenho Industrial	3
Filosofia	3
Matemática	3
Arquitetura e Urbanismo	2
Educação Artística	2
Enfermagem	2
Engenharia Elétrica	2
Engenharia Metalúrgica	2
Estatística	2
Física	2
Odontologia	2
Serviço Social	2
Ciência da Informação	2
Arqueologia	1
Comunicação Visual	1
Design Gráfico	1
Direito	1
Educação Artística	1
Engenharia de Computação	1
Engenharia Mecânica	1
Engenharia Química	1
Gestão da Informação	1
Línguas Estrangeiras Aplicadas	1
Relações Internacionais	1
Tecnologia em Informação	1
Turismo	1
Não localizados	184
Total	525

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Outro fator importante é que a quantidade de pesquisadores com formação em Ciência da Computação e em Comunicação Social ultrapassara o número de pesquisadores com formação em Arquivologia e a Museologia, que são consideradas por alguns autores como disciplinas afins, bem como os que têm graduação em Ciência da Informação. Isso se deve ao fato da existência de relação de proximidade entre o objeto de estudo da Ciência da Computação e da Comunicação Social, com a Ciência da Informação, evidenciando que a informação não comporta elemento exclusivo de estudos dessa área, pois podem ser contempladas por aquelas, conforme destacaram Saracevic (1996) e Souza (2015).

No que concerne à Ciência da Computação, é conveniente mencionar que Saracevic (1996) destaca que a tecnologia está intrinsecamente ligada à informação e que esta constituiu elemento fundamental para seu desenvolvimento, portanto, compreende um espaço de domínio da Ciência da Informação. O que torna complexa a informação, objeto da Ciência da Informação, é a delimitação e o contexto em que a mesma é inserida. Isso deve ser considerado na produção colaborativa.

Analisando as formações com maior número de produção, considerando a *Tabela de Classificação de Áreas do Conhecimento da CAPES*, observa-se, no quadro 1, que 7 formações tem mais de 10 pesquisadores. As formações concentram-se nas *Ciências Sociais Aplicadas* (Biblioteconomia, Comunicação Social e Arquivologia), nas *Ciências Exatas e da Terra* (Ciência da Computação), *Ciências Humanas* (História) e em *Linguística, Letras e Artes* (Letras). Nesta edição, as *Ciências Sociais Aplicadas* obtiveram maior concentração em número de autores, na produção colaborativa em Ciência da Informação, seguidas pelas *Ciências Exatas e Naturais*, *Ciências Humanas* e *Linguística, Letras e Artes*. Isso mostra que a formação plural na produção científica em Ciência da Informação faz com que as áreas de concentração dessa produção sejam também plurais.

Em sua 14ª edição estiveram presentes 520 autorias, divididas com 48 formações diferentes, excluídas dessa edição 2 artigos; 1 não recuperado e o outro não apresentava a autoria, além de 33 autorias não identificadas, na *Plataforma Lattes*.

Os resultados, apresentados no quadro 2, demonstram que, assim como em outras edições, a Biblioteconomia tem grande participação no evento e que algumas formações se destacam, como a História, que superou a Arquivologia, nesta edição. Esses resultados evidenciam que pesquisadores, com formação em História, buscam mais do que os Arquivistas à produção em colaboração na Ciência da Informação.

Quadro 2 - Formação de autores das comunicações apresentadas na 14ª edição do ENANCIB

Formação	Pesquisadores $f(x)$
Biblioteconomia	220
Comunicação Social	26
Ciência da Computação	25
História	24
Arquivologia	20
Letras	16
Ciências Sociais	15
Museologia	13
Administração	11
Gestão da Informação	9
Tecnologia e Processamento de Dados	8
Ciência da Informação	6
Engenharia Elétrica	6
Matemática	6
Pedagogia	6
Psicologia	6
Ciências Econômicas	5
Engenharia Civil	5
Medicina	5
Arquitetura e Urbanismo	4
Ciências Contábeis	4
Física	4
Sistemas de Informação	4
Turismo	4
Engenharia Mecânica	3
Estatística	3
Análise de Sistemas	2
Artes Plásticas	2
Biologia	2
Engenharia Florestal	2
Filosofia	2
Odontologia	2
Serviço Social	2
Arqueologia	1
Direito	1
Educação Artística	1
Enfermagem	1
Engenharia de Materiais	1
Engenharia de Produção	1
Engenharia Eletrônica	1
Engenharia Metalúrgica	1
Engenharia Química	1
Fisioterapia	1
Produção Cultural	1
Redes de Computadores	1
Relações Internacionais	1
Secretariado Executivo	1
Tecnologia em Hotelaria	1
Não Localizados	33
Total	520

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Há de se considerar, também, a forte participação, na produção científica em Ciência da Informação, dos Engenheiros de diferentes especialidades, como a Engenharia Metalúrgica e a Engenharia Elétrica, que somam 21 sujeitos, participando da produção, de forma colaborativa. Esta última apresenta um total de 6 autores na produção em colaboração. Esses resultados demonstram a proximidade dessas especialidades com a Ciência da Informação. Cabe destacar, aqui, que a *Gestão da Informação e do Conhecimento* é uma das temáticas ou subáreas que apontam para a colaboração de estudos nos domínios da Engenharia e da Ciência da Informação.

Essas áreas do conhecimento podem não tratar de forma específica com livros, documentos ou objetos desse porte, conforme destaca Araújo (2011), entretanto, podem utilizar-se de produtos e de serviços, em que a informação faça parte do seu domínio e neste encontre um ponto de interseção com a Ciência da informação.

O quadro 2 aponta 9 formações, com mais de 10 pesquisadores com produção, sendo 5 no intervalo de 10 e 20 autores, e 4 acima de 20 autorias, presentes nesta edição. As áreas com maior incidência de autoria foram Biblioteconomia, Comunicação Social, Ciência da Computação, História e Arquivologia. Ademais, desse grupo, apenas a Ciência da Computação e História não estão situadas na área de *Ciências Sociais Aplicadas*, que pertencem, respectivamente, às *Ciências Exatas e da Terra* e às *Ciências Humanas*, conforme a CAPES. Outras áreas que obtiveram produção de destaque, com mais de 10 autores, foram Letras (*Linguística, Letras e Artes*) e Ciências Sociais, Museologia e Administração (*Ciências Sociais Aplicadas*). Em síntese, os resultados demonstram também na 14ª edição uma pluralidade de formação e, por conseguinte, de áreas do conhecimento, na produção colaborativa em Ciência da Informação.

Com a colaboração em alta, na 15ª edição, foram realizadas as comunicações em colaboração com a presença de 570 autorias e 46 formações, conforme expressa o quadro 3. Novamente, muitas formações presentes na produção colaborativa em Ciência da Informação de áreas, consideradas distantes, conforme apresenta o quadro 3, tais como a Química Analítica e a Fonoaudiologia, na medida em que ambas não pertencentes a mesma área do conhecimento da CAPES.

Por outro lado, há também algumas fronteiras de difícil delimitação, conforme destacaram Loureiro e Pinheiro (1995), a exemplo da Biblioteconomia e da Arquivologia. Esses resultados evidenciam que a complexidade do objeto de estudo da Ciência da Informação permite que disciplinas que trabalham com o mesmo objeto, mas em outros

contornos, encontrem algum espaço em que possibilite o diálogo com a Ciência da Informação.

Quadro 3 - Formação de autores das comunicações apresentadas na 15ª edição do ENANCIB

Formação	Pesquisadores $f(x)$
Biblioteconomia	240
História	37
Ciência da Computação	23
Comunicação Social	23
Arquivologia	21
Letras	15
Administração	14
Ciências Sociais	14
Gestão da Informação	13
Museologia	13
Processamento de Dados	11
Engenharia Elétrica	8
Ciências Biológicas	7
Ciência da Informação	6
Pedagogia	6
Psicologia	6
Engenharia Civil	5
Matemática	5
Artes	4
Ciências Econômicas	4
Estatística	4
Física	4
Arquitetura e Urbanismo	3
Direito	3
Engenharia de Materiais	3
Medicina	3
Odontologia	3
Sistemas de Informação	3
Turismo	3
Engenharia Química	2
Farmácia	2
Geografia	2
Música	2
Serviço Social	2
Tecnologia da Informação	2
Análise de Sistemas	1
Arqueologia	1
Design	1
Engenharia de Telecomunicações	1
Engenharia Mecânica	1
Fonoaudiologia	1
Gerenciamento de redes de computadores	1
Nutrição	1
Produção Cultural	1
Química Analítica	1
Telemática	1
Não Localizados	43
Total	570

Fonte Dados da pesquisa, 2016.

Então, a partir do momento em que as diferentes formações se fazem presentes na produção científica em Ciência da Informação, de acordo com Vanz e Stump (2010), torna-se necessário observar o comportamento dos autores dessa produção e, de modo específico, as formas como se relacionarem. Ocorre que a formação dos autores pode causar impactos diversos nessa produção colaborativa, por meio da inserção de teorias e metodologias de suas áreas de origem no campo da Ciência da Informação. Na produção colaborativa em Ciência da Informação, é preciso delinear o objeto da pesquisa de forma que esta esteja alinhada aos parâmetros da Ciência da Informação e não às áreas de origem. O fato é que, conforme Balancerni (2005), nesse tipo de produção, objetivos, esforços e resultados são, essencialmente, compartilhados e, nesta área, segundo Souza (2015), a formação plural se apresenta de forma bastante sublinhada.

O quadro 3 mostra que, nesta edição, 11 disciplinas estiveram presentes com mais de 10 autorias. É importante destacar que entre essas, 5 formações estiveram presentes com mais de 20 autores, abrangendo três grandes áreas do conhecimento: Biblioteconomia, Comunicação Social e Arquivologia(*Ciências Sociais Aplicadas*), Ciência da Computação (*Ciências Exatas e da Terra*) e História (*Ciências Humanas*). E 6 tiveram entre 10 e 20 pesquisadores, que pertencem a três grandes áreas do conhecimento: Letras(*Linguística, Letras e Artes*), Administração, Ciências Sociais, Gestão da Informação, Museologia (*Ciências Sociais Aplicadas*) e Processamento de Dados (*Ciências Exatas e Naturais*). Os resultados apontam que, na medida em que a produção aumenta, cresce o número de áreas do conhecimento na produção e, mesmo quando o número de comunicações total cai, o número de áreas continua presentes.

O quadro 4 apresenta a formação e o número de pesquisadores na produção científica em Ciência da Informação na 16ª edição do ENANCIB. Nesta edição, o evento contou com a participação de 490 autores em colaboração, distribuídos em 50 formações. É notório que há a participação de muitas formações na produção científica comunicada neste evento.

Os resultados revelam ainda que, nesta edição, 9 formações estiveram presentes com a participação de mais de 10 autores. Considerando a Tabela de Área da CAPES, dessas, 3 apresentaram mais de 20 autorias, concentradas em duas grandes áreas do conhecimento: Biblioteconomia e Arquivologia (*Ciências Sociais Aplicadas*) e História(*Ciências Humanas*). As outras 6 possuem entre 10 e 20 autores pertencentes a três grandes áreas do conhecimento: Ciência da Computação (*Ciências Exatas e Naturais*), Comunicação Social, Museologia, Administração, Ciências Sociais(*Ciências Sociais Aplicadas*) e Letras (*Linguística, Letras e Artes*).

Quadro 4- Formação de autores das comunicações apresentadas na 16ª edição do ENANCIB

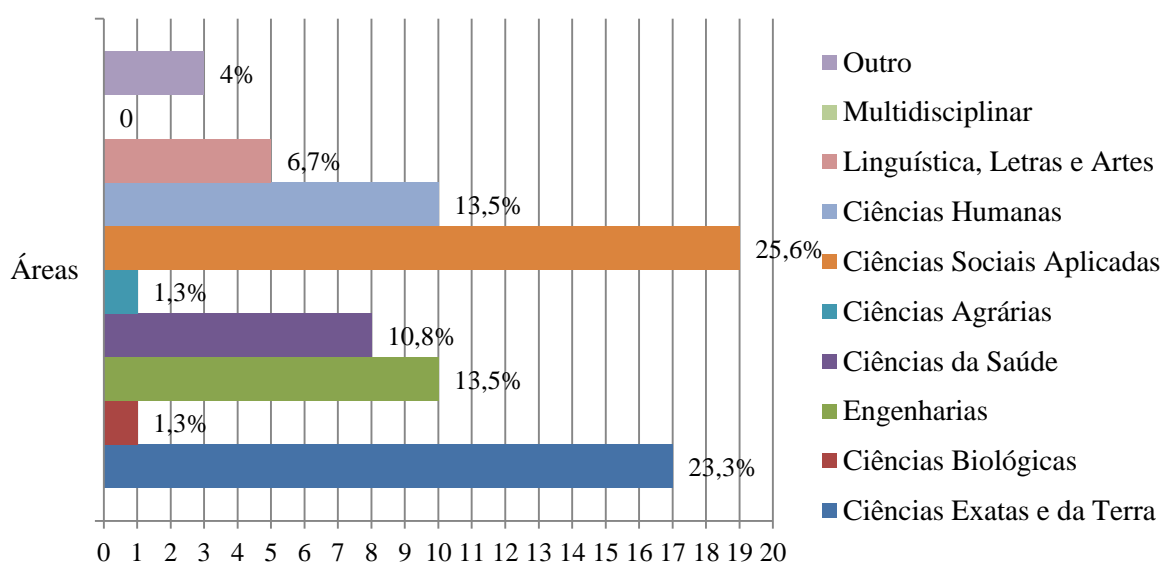
Formação	Pesquisadores $f(x)$
Biblioteconomia	199
História	27
Arquivologia	25
Ciência da Computação	20
Comunicação Social	18
Museologia	18
Administração	17
Letras	15
Ciências Sociais	13
Processamento de Dados	9
Ciências Econômicas	6
Engenharia Elétrica	6
Pedagogia	6
Ciência da Informação	5
Psicologia	5
Ciências Contábeis	4
Filosofia	4
Física	4
Medicina	4
Serviço Social	4
Sistemas de Informação	4
Artes	3
Direito	3
Engenharia Civil	3
Estatística	3
Gestão da Informação	3
Química	3
Análise de Sistemas	2
Arquitetura e Urbanismo	2
Ciências Biológicas	2
Educação Física	2
Engenharia Metalúrgica	2
Engenharia Química	2
Informática	2
Matemática	2
Antropologia	1
Arqueologia	1
Enfermagem	1
Engenharia Agrônômica	1
Engenharia de Controle e Administração	1
Engenharia de Produção	1
Engenharia de Sistemas	1
Engenharia Florestal	1
Engenharia Mecânica	1
Geografia	1
Gestão do Turismo	1
Música	1
Produção Cultural	1
Teologia	1
Turismo	1
Não localizados	28
Total	490

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Em síntese, é importante observar que muitas dessas áreas presentes na formação da autoria da produção analisada são consideradas afins e, até mesmo, áreas de origem da Ciência da Informação, tais como Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Por outro lado, há também na formação da autoria áreas bem distintas, como Engenharia Florestal, Engenharia Metalúrgica e Produção Cultural. Esses resultados demonstram que a Ciência da Informação pode receber diferentes influências dessas áreas, uma vez que os autores, ao produzirem na Ciência da Informação, podem inserir teorias e metodologias das suas áreas de origem.

E, por último, o gráfico 7 aponta a distribuição das formações presentes na produção em colaboração da Ciência da Informação analisada. Identificou-se 74 formações presentes no campo da Ciência da Informação, evidenciando formação plural, que, conforme Souza (2015), caracteriza este campo científico.

Gráfico 7 – Grandes áreas do conhecimento na produção científica da Ciência da Informação



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Os resultados evidenciam que, das nove grandes áreas que compõem a *Tabela de Áreas do Conhecimento* da CAPES⁴, oito estão presentes na formação da autoria produção em colaboração da Ciência da Informação analisada. Percebe-se que apenas a grande área *Multidisciplinar* não aparece na pesquisa. Em contrapartida, observa-se que todas as outras

⁴ A Capes alterou em 13 de Dezembro de 2016 a nomenclatura da subárea *Ciências Sociais Aplicadas I* para *Comunicação e Informação*.

grandes áreas compreendem áreas que possibilitam aproximações com a Ciência da Informação.

Em síntese, esses resultados, a um só tempo, mostram a complexidade adotada no estudo da informação, conforme destacaram Pinheiro (2005), Saracevic (1996) e Souza (2015), e evidencia o emaranhado de formações que rodeiam a delimitação do objeto. Trata-se, pois, de uma característica peculiar que permeia o campo da Ciência da Informação, desde a sua origem, uma vez que, segundo diversos autores, a exemplo de Brookes (1980), Le Coadic (2004), Pinheiro (2005), Saracevic (1996), Silva (2006) e Souza (2015), seu surgimento deu-se a partir da colaboração de pesquisadores que tinham por objetivo a resolução dos problemas informacionais.

É possível observar que a grande área que tem maior destaque na produção são as *Ciências Sociais Aplicadas*, nas quais foi possível encontrar 16 formações. Isso se deve, em certa medida, a proximidade de objeto, em relação a algumas disciplinas, como a Arquivologia, Biblioteconomia, Comunicação e Museologia. Além dessas, outras duas grandes áreas, que tem participação considerável na produção da Ciência da Informação a partir da formação dos autores, a saber as *Ciências Exatas e da Terra* e as *Engenharias* com, respectivamente, 12 e 11 áreas presentes na formação dos autores. A primeira contempla a subárea Ciência da Computação, que, segundo Saracevic (1996), possui relação considerável no domínio das tecnologias de informação e comunicação. A segunda, por sua vez, concentra-se, conforme Pinheiro (2005), na Gestão da Informação e do conhecimento, permitindo relações entre as diferentes áreas e a Ciência da Informação.

O quadro 5 mostra todas as formações presentes na produção em colaboração no campo da Ciência da Informação, a partir do ENANCIB, nas últimas edições. Foram identificadas 45 formações na 13ª edição, 49 formações na 14ª edição, conforme apresenta o quadro 5. A 14ª edição foi a que apresentou um maior número de formações na produção científica. Na 15ª e na 16ª edições, foram verificadas, respectivamente, 47 e 48 formações diferentes. Identificou-se uma média de 47 formações, o que mostra uma formação plural da comunidade científica, conforme apresentado por Souza (2015), considerando que, em todas as edições, verificou-se 74 formações, que, conforme o gráfico 7, estão distribuídas em 8 áreas do conhecimento.

Algumas áreas como a Engenharia Mecânica e a Engenharia de Produção obtiveram pouco número de pesquisadores. Outras formações, como Arqueologia obtiveram apenas um participante em todas as edições. Já a Administração obteve um crescimento na participação,

na primeira edição contou com 4, na segunda 11, na terceira 14 e na quarta edição, obteve 17 participações na produção em colaboração, conforme os resultados apresentaram.

Quadro 5 – Formações por edição na produção científica da Ciência da Informação

13ª EDIÇÃO	14ª EDIÇÃO	15ª EDIÇÃO	16ª EDIÇÃO
Biblioteconomia	Biblioteconomia	Biblioteconomia	Biblioteconomia
História	Comunicação Social	História	História
Ciência da Computação	Ciência da Computação	Ciência da Computação	Arquivologia
Comunicação Social	História	Comunicação Social	Ciência da Computação
Arquivologia	Arquivologia	Arquivologia	Comunicação Social
Letras	Letras	Letras	Museologia
Ciências Sociais	Ciências Sociais	Administração	Administração
Museologia	Museologia	Ciências Sociais	Letras
Ciências Biológicas	Administração	Gestão da Informação	Ciências Sociais
Processamento de Dados	Gestão da Informação	Museologia	Processamento de Dados
Psicologia	Tecnologia e Processamento de Dados	Processamento de Dados	Ciências Econômicas
Pedagogia	Ciência da Informação	Engenharia Elétrica	Engenharia Elétrica
Administração	Engenharia Elétrica	Ciências Biológicas	Pedagogia
Ciências Econômicas	Matemática	Ciência da Informação	Ciência da Informação
Engenharia Civil	Pedagogia	Pedagogia	Psicologia
Medicina	Psicologia	Psicologia	Ciências Contábeis
Artes Plásticas	Ciências Econômicas	Engenharia Civil	Filosofia
Ciências Contábeis	Engenharia Civil	Matemática	Física
Desenho Industrial	Medicina	Artes	Medicina
Filosofia	Arquitetura e Urbanismo	Ciências Econômicas	Serviço Social
Matemática	Ciências Contábeis	Estatística	Sistemas de Informação
Arquitetura e Urbanismo	Física	Física	Artes
Educação Artística	Sistemas de Informação	Arquitetura e Urbanismo	Direito
Enfermagem	Turismo	Direito	Engenharia Civil
Engenharia Elétrica	Engenharia Mecânica	Engenharia de Materiais	Estatística
Engenharia Metalúrgica	Estatística	Medicina	Gestão da Informação
Estatística	Análise de Sistemas	Odontologia	Química
Física	Artes Plásticas	Sistemas de Informação	Análise de Sistemas
Odontologia	Biologia	Turismo	Arquitetura e Urbanismo
Serviço Social	Engenharia Florestal	Engenharia Química	Ciências Biológicas
Ciência da Informação	Filosofia	Farmácia	Educação Física
Arqueologia	Odontologia	Geografia	Engenharia Metalúrgica
Comunicação Visual	Serviço Social	Música	Engenharia Química
Design Gráfico	Arqueologia	Serviço Social	Informática
Direito	Direito	Tecnologia da Informação	Matemática
Educação Artística	Educação Artística	Análise de Sistemas	Antropologia
Engenharia de Computação	Enfermagem	Arqueologia	Arqueologia
Engenharia Mecânica	Engenharia de Materiais	Design	Enfermagem
Engenharia Química	Engenharia de Produção	Engenharia de Telecomunicações	Engenharia Agrônoma
Gestão da Informação	Engenharia Eletrônica	Engenharia Mecânica	Engenharia de Controle e Administração
Línguas Estrangeiras Aplicadas	Engenharia Metalúrgica	Fonoaudiologia	Engenharia de Produção

Relações Internacionais	Engenharia Química	Gerenciamento de redes de computadores	Engenharia de Sistemas
Tecnologia em Informação	Fisioterapia	Nutrição	Engenharia Florestal
Turismo	Produção Cultural	Produção Cultural	Engenharia Mecânica
	Redes de Computadores	Química Analítica	Geografia
	Relações Internacionais	Telemática	Gestão do Turismo
	Secretariado Executivo		Música
	Tecnologia em Hotelaria		

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Algumas formações apareceram com pouca frequência e com baixo número de pesquisadores na produção, como é o caso da Engenharia Florestal, Engenharia Mecânica, Engenharia Química e Relações Internacionais. Isso mostra que parte da produção em colaboração é representada por um pequeno grupo de pesquisadores de algumas formações.

Outro aspecto importante é que os cursos que compõem a área de tecnologia representam várias formações, apontadas no quadro 5, tais como Ciência da Computação, Engenharia de Computação, Processamento de Dados, Tecnologia em Informação, Análise de Sistemas, Engenharia de Telecomunicações, Gerenciamento de Redes de Computadores, Telemática e Engenharia de Sistemas, embora algumas se apresentem com baixo número de pesquisadores, como mostram os quadros de 1 a 4. Essa pluralidade de formações e de áreas do conhecimento caracteriza a possibilidade de ações interdisciplinares na produção científica em Ciência da Informação, em função do seu objeto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da Informação tem, em seu percurso de constituição do campo científico, a participação de autores de diversos campos do conhecimento na sua produção científica. Entretanto, poucas e, quando realizadas, pesquisas superficiais têm se dedicado às questões da origem e das diferentes relações com outras áreas do conhecimento. A produção colaborativa em Ciência da Informação no Brasil, sobretudo, a partir do ENANCIB, apresenta uma diversidade de pesquisadores com formações tanto próximas, quanto distantes da área.

A produção em colaboração ganha, cada vez mais, espaço na Ciência e, principalmente, nas Ciências consideradas interdisciplinares, por agregar sujeitos com formações distintas, mas que tem os objetos de estudo e objetivos comuns. Esta pesquisa constatou que a produção em colaboração na Ciência da Informação conta com a participação, em sua maior parte, de Bibliotecários em todas as edições e, surpreendentemente, em desacordo com a hipótese lançada, verificou-se que a produção em colaboração não apresentou, em sua maior participação, pesquisadores Arquivistas e Museólogos.

Além disso, a produção contou com a colaboração de outros pesquisadores de áreas não consideradas tão próximas ou afins como aquelas, conforme defendem autores, como Araújo (2011). Houve destaque na participação de autores com formação em Ciência da Computação, Comunicação Social e História. Isso mostra uma integração maior, por parte desses pesquisadores que buscam, cada vez mais, espaços de estudos e pesquisas na Ciência da informação.

Compreender os problemas informacionais do pós-guerra e buscar solucioná-los é o ponto de partida da Ciência da Informação, em conformidade com Pinheiro (2005), e sua origem vinculada, sobretudo, com a Biblioteconomia faz com que a maior parte de pesquisadores torne-se oriundo dessa disciplina, conforme apontam os resultados desta pesquisa. Outra característica marcante é que a Ciência da Informação, em seu desenvolver, alia-se a outras disciplinas e isso tem basicamente duas implicações: seu objeto acaba se tornando complexo, conforme Souza (2015) e estabelece-se um conjunto de práticas colaborativas entre os pesquisadores na literatura científica do campo, com outras disciplinas. Nessas condições, além da pluralidade de autorias na formação, há a presença de pesquisadores de áreas do conhecimento consideradas distantes, tais como Engenharia Elétrica, Engenharia Metalúrgica e Engenharia Florestal, conforme delineados nesta pesquisa.

O resultado dessa ampla ramificação de formação e, conseqüentemente, a presença de teorias e metodologias dessas áreas na produção científica em Ciência da Informação requer

estudos sobre as influências que essas áreas exercem sobre o campo. De maneira mais direta, é importante compreender quais os impactos que essa produção podem causar na Ciência da Informação. É certo que grande parte dessas disciplinas se faz presente, desde a sua origem, e contribuíram para seu desenvolvimento, tanto como área do conhecimento, quanto para a constituição de espaços de estudos e pesquisas em colaboração. Com efeito, Japiassu (1981) destaca que as ciências humanas em processo de crescimento devem abrir espaço para que seus campos e objetos sejam explorados. Entretanto, é preciso que o objeto de estudo esteja alinhado à área, neste caso, à Ciência da informação, visando possibilitar uma relação de interdisciplinaridade.

É importante considerar que caminhar pelos domínios da formação da autoria em colaboração proporcionou conhecer a produção científica na literatura e, sobretudo, possibilitou mergulhar nos referenciais que abordam a colaboração científica. Esta, por sua vez, consiste em uma tarefa complexa, pelo fato de que, segundo Subramanyam (1983), não se tem como aferir o nível da colaboração de um sujeito por meio de uma simples análise. Isso faz com que a colaboração científica abranja níveis complexos de interpretação, para verificar as formas e os níveis de participação dos diversos sujeitos nesse tipo de produção.

A partir do mapeamento e da caracterização das formações da autoria das comunicações, realizadas em colaboração nas últimas edições do ENANCIB, constataram-se dois efeitos da autoria na produção em colaboração em Ciência da Informação, a saber, a formação plural das autorias e as condições para práticas interdisciplinares. O *efeito da colaboração entre formações distintas* consiste na disputa política e ideológica dentro da Ciência da Informação, por espaço e poder pelas disciplinas que se fazem presentes e em maior parte. O *efeito interdisciplinar*, por sua vez, consiste na possibilidade de pesquisadores de diversas áreas estarem presentes no campo da Ciência da Informação, por ser considerada um campo interdisciplinar.

É compreensível do ponto de vista de alguns autores que há proximidade e, consequentemente, diálogos entre alguns campos e a Ciência da Informação, como Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, que podem facilitar a produção em colaboração. Entretanto, os resultados mostraram que outras disciplinas se apresentaram de forma mais significativa, quando se trata de número de pesquisadores na produção colaborativa em Ciência da Informação.

Tais condições são propiciadas pelo *efeito interdisciplinar* e podem estar ligadas a proximidades de objetos de estudos, ainda não suficientemente identificados, como a História,

a Ciência da Computação e a Comunicação Social, por exemplo, que apresentaram uma participação significativa, em algumas edições, superando a Arquivologia e a Museologia.

Nessas condições, a Ciência da Informação abre espaço para que pesquisadores de outras áreas do conhecimento ingressem em Programas de Pós-Graduação, produzindo na área. Entretanto, a participação de autores com a formação em áreas que não são consideradas afins, por assim dizer, faz com que tenham facilidade para adotar teorias e metodologias de sua área de origem e, complementarmente, tenham dificuldade em contextualizar sua pesquisa na Ciência da Informação. Esses elementos podem decorrer do *efeito interdisciplinar*, característico da Ciência da Informação, conforme apontaram Pinheiro (2002) e Souza (2015). Entretanto, é preciso destacar que, na produção em colaboração, deve-se buscar um conjunto de elementos integradores entre as disciplinas, possibilitando diferentes construções colaborativas no campo informacional.

Esta pesquisa mostrou que disciplinas consideradas correlatas apresentaram baixo número de pesquisadores em sua produção, como Arquivologia e Museologia. Além disso, constatou-se que algumas disciplinas, consideradas “distantes”, colaboraram de forma significativa na produção em colaboração em Ciência da Informação, tanto em autoria quanto em coautoria.

Outro fator importante que deve ser destacado é que, nas pesquisas em Ciência da Informação comunicadas no ENANCIB, uma colaboração entre pesquisadores de formações distintas pode ser iniciada no processo de orientação entre orientador e orientando. O fato é que essas produções retratam um panorama das pesquisas em andamento em Ciência da Informação em todo o Brasil.

Nessas condições, o *efeito interdisciplinar* possibilita a colaboração entre pesquisadores de diferentes formações e titulações, e traz o desafio da integração entre as disciplinas que buscam alinhamento na abordagem comum de um objeto de estudo na Ciência da Informação.

Entra em questão o segundo efeito, a *colaboração entre formações distintas*, considerando, a partir de Pêcheux (2014), que dentro de uma área do conhecimento as decisões políticas sobre as identidades e ideologias disputam, ao mesmo tempo, espaço e poder na própria constituição de um sujeito/pesquisador/autor. Em outras palavras, na construção da relação entre colaboradores de “origens distintas” haverá sempre a relação de disputa política e de espaço. Na Ciência da Informação, essa relação se dá a partir do momento em que disciplinas, “não consideradas de origem”, estão ampliando espaço na produção científica em Ciência da informação, a partir da produção em colaboração.

Ocorre que o ingresso de pesquisadores de formação diversas no campo interdisciplinar promove o jogo de relações de poder entre as áreas do conhecimento que se fazem presente e disputa “espaço” e “poder” com as disciplinas consideradas de origem ou as que já estão presentes há mais tempo. No contexto da Ciência da Informação, disciplinas consideradas de destaque, pela possível proximidade entre objetos, como Arquivologia e Museologia estão perdendo espaço para outras disciplinas, como Ciência da Computação, Engenharias e Comunicação Social. Conforme os resultados apontaram, essas disciplinas estão à frente em número de pesquisadores e, possivelmente, em número de pesquisas, em alguns momentos na produção em Ciência da Informação.

É importante também considerar as dificuldades encontradas na execução da pesquisa. Nesse sentido, cabe destacar que um dos fatores que mais dificultou a pesquisa, especialmente a coleta de dados, foi a ausência de padronização na publicação das comunicações. As últimas edições apresentaram maior grau de padronização de estrutura e de disponibilização das comunicações. É compreensível que devido à dinâmica em que o evento ocorre, pode colaborar para que não haja uma melhor padronização das publicações, pelo menos, nas edições que compreendem esta pesquisa.

Na busca de identificar a formação dos autores na plataforma *Lattes* do CNPq, a principal dificuldade encontrada, impossibilitando parte dos pesquisadores no seu trabalho de localização, foi a homografia presente no nome de alguns autores e, complementarmente, a inexistência de pesquisa avançada na plataforma. Em consequência disso, decidiu-se pesquisar também os currículos dos pesquisadores na plataforma dos PPGCI's, entretanto, verificou-se que, daqueles que dispunham de ambiente virtual, as informações encontravam-se, em alguns casos, incompletas ou inexistentes. Assim, sugere-se que os Programas disponibilizem informações sobre seu corpo docente e discente, incluindo as respectivas formações dos mesmos, uma vez que se trata de elemento importante para um campo que é amplamente conhecido como interdisciplinar.

A pesquisa limitou-se a estudar a produção colaborativa em Ciência da Informação, a partir do ENANCIB, especificamente nas edições XIII, XIV, XV e XVI, havendo possibilidade de ser ampliada com a inclusão das demais edições. Assim, sugere-se que esta pesquisa possa ser ampliada a partir de análises, realizadas nas demais edições, buscando alcançar, cada vez mais, a totalidade de abrangência do objeto de pesquisa, pelo fato de a produção em colaboração ser considerada uma característica marcante da área, conforme resultados da pesquisa, que identifica elevados índices de colaboração. Além disso, buscando outros espaços de produção científica em colaboração, esta pesquisa pode ser ampliada a

partir de análises em revistas científicas da Ciência da Informação, entre outras possibilidades.

Nesse mesmo horizonte, estudar relações interdisciplinares com diferentes áreas do conhecimento que se fazem na produção da Ciência da informação, conforme identificadas as comunicações do ENANCIB, consiste em aprofundamento da discussão acerca da produção colaborativa nesta área de conhecimento.

Por fim, sugere-se a realização de pesquisas que busquem estudar esse tipo de produção em teses e dissertações, para fazer a relação entre temática e formações da autoria/orientação, na perspectiva de identificar as temáticas exploradas pelos autores de áreas consideradas distintas. A partir dessa inferência, a relação entre as temáticas e pesquisadores poderá ser abordada de forma a delinear os caminhos temáticos e traçar o perfil do pesquisador que está ingressando na Ciência da Informação.

A realização de estudos que explorem a formação de redes de pesquisas na produção científica em Ciência da Informação, sobretudo, a partir de variáveis como especialidades e/ou instituições trará contribuições para a área, bem como a formação e expansão de colégios invisíveis e/ou grupos teórico-metodológicos cultivados, a partir das formações plurais existentes na área.

Estender esse estudo, para identificar os grupos de pesquisa inter e intradisciplinares na área, a partir dos dados do ENANCIB, uma vez que Silva (2015) destacou que essas variáveis cooperam para o aumento da produção, corresponde ao aprofundamento dos estudos da produção colaborativa, através das relações entre pesquisadores dentro de uma mesma Escola, bem como de diferentes instituições.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. I. Apontamentos a respeito da formação de professores. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: artes e técnicas - ciências e políticas**. São Paulo: Edunesp, 2006, v. 1, p. 177-188.
- ALVES, B. H.; PAVANELLI, M. A.; OLIVEIRA, E. F. T. Rede de coautoria institucional em Ciência da Informação: uma comparação entre indicadores de rede e os conceitos CAPES. **Em Questão**, Salvador, v. 20, p. 73-87, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/49251/32421>> . Acesso em 20 ago. 2016.
- ARAÚJO, C. A. A. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação: Encontros Bibli.**, Florianópolis, v. 16, p. 110-130, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2011v16n31p110/17765>>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- ASCENÇÃO, J. O. Direito de Autor, hoje: publicações periódicas e obra coletiva. **Revista da Ordem dos Advogados**, São Paulo, v. 54, n. 01, p. 5-25, abr, 1994. Disponível em: <<http://www.oa.pt/upl/%7B21a60f42-f6e1-41f2-bc05-e42753a6539e%7D.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2014.
- AZEVEDO, S. D. R de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Filogenese**. Marília, v. 6, n.2, p. 148-162, 2013. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- AZEVEDO NETO, J. A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben. **Floema**, Vitória da Conquista, ano VIII, n. 10, p. 153-164, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/4513/4321>>. Acesso em: 08 nov. 2015.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BALANCERNI, et al., A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na Plataforma Lattes. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n.1, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a08v34n1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- BARRETO, A. A. A condição da informação. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/173>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BELKIN, N.J. Anomalous states of knowledge as a basis for information retrieval. **Canadian Journal of Information Science**, 5, 1980. Disponível em:

<<https://comminfo.rutgers.edu/~tefko/Courses/612/Articles/BelkinAnomolous.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BORKO, H. Information Science: what is it? **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/k---artigo-01.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 2, p. 122-155.

BROOKES, B. C. The foundations of information science. **Journal of Information Science**, Amsterdã, v. 2, n. 3/4, p. 125-133, 1980. Disponível em: <<http://comminfo.rutgers.edu/~kantor/601/Readings2004/Week3/r4.PDF>>. Acesso em 08 nov. 2015.

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Tabela de classificação das áreas do conhecimento**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_042009.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2016.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 11 fev. 2015.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. In: _____. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 617p. v. 1.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revendo seus benefícios. **Educar**. Curitiba, n. 31, p. 213-320, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a13>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

DURAND, G. Multidisciplinarité et Heuristique. In PORTELLA, E. (Org.), **L'Interdisciplinarité en Acte: enjeux, obstacles, perspectives**, Toulouse: Éres / Unesco, 1991, p.35-48.

FERNANDES, M. S.; FERNANDES, C. F.; GOLDIM, J. R. Autoria, Direitos Autorais e produção científica: aspectos éticos e legais. **Revista do HCPA & Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre v. 28, p. 26-32, 2008. Disponível em: <<http://www.bioetica.ufrgs.br/autoria.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

FOUCAULT, M. **O que é um autor**. In: _____. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3. p. 264-298. Disponível em: <http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2015.

FREIRE, I. M. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da ciência da informação. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Belo

Horizonte, v.1, n. 1, p.3, 2008. Disponível em:
<<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/9/16>>. Acesso em: 5 maio 2014.

GIACOMONI, M. P; VARGAS, A. Z. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 15, p. 119-129, 2010. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-09.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GÓNZALEZ DE GOMÉZ, M. N. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1474/1448>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

_____. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n.1, p. 27-40, 2002. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/253>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

_____. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1376/1001>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

_____.; ORRICO, E. G. O. As políticas das configurações disciplinares dos conhecimentos: repercussões nas políticas de informação e nas práticas de avaliação. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 6, dez. 2004. Disponível em:
<http://www.dgz.org.br/dez04/Art_04.htm>. Acesso em: 15 ago. 2014.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

KATZ, J. S. ; MARTIN, B. R. What is research collaboration? **Researchpolicy**, n. 26, 1997, p. 1-18. Disponível em: <http://users.sussex.ac.uk/~sylvank/pubs/Res_col9.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2015.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, edição especial, p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1458/1432>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 260p.

LE COADIC, Y.-F. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yeda F. S. de Figueiredo Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

_____. Princípios científicos que direcionam a ciência e a tecnologia da informação digital. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 205-213, set./ dez. 2004. Disponível em:
<<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/708/688>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

LEE, Sooho; BOZEMAN, Barry. The impact of research collaboration on scientific productivity. **Social Studies of Science**, v.35, n.5, 2005, p.673–702. Disponível em: <http://archive.cspo.org/rvm/publications/pubs_docs/Bozeman_Lee_SSS.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2015.

LENOIR, T. **Instituindo a ciência**: a produção cultural das disciplinas científicas. São Leopoldo, RS: Usininos, 2004.

LIMA, P. G. **Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional**. 2001, 317f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2001.

LOUREIRO, J.M.M. Ciência da Informação: nem ciência social, nem humana, apenas uma ciência diferente. In: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (Org.). **Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro em Ciência e Tecnologia, 1999, p. 65-78.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.

MARANHÃO, T. de P. A. Produção Interdisciplinar de Conhecimento Científico no Brasil: temas ambientais. **Revista sociedade e estado**, Brasília, v. 25, n. 3, 2010, p. 562-580. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/3386/2952>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 197p.

MENDONÇA, E. Epistemologia, Tecnologia, Paradigma: as origens da Ciência da Informação. **Revista Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 15, 2014. Disponível em: <http://dgz.org.br/dez14/Art_01.htm>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MIRANDA S. V. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n.3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1117>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MONTENEGRO, M. R. Autoria e co-autoria: justificativa e desafios. **J.Pneumol.**, Brasília, v. 25, n.03, p. 159-162, maio/jun. 1999. Disponível em: <http://www.jornaldepneumologia.com.br/PDF/1999_25_3_5_portugues.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2014

MINAYO, Maria. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014. 287p.

PINHEIRO L. V. Gênese da Ciência da Informação: os sinais enunciadores da nova área. In: AQUINO, M. A. **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 61-86.

_____. Cenário da pós-graduação em Ciência da informação no Brasil, influências e tendências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 7., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--226.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

_____. Evolução e tendências da Ciência da Informação no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, UFSC, 2005. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/64>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

_____.; LOUREIRO, José Mauro M. Traçados e Limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.1, p. 42-53, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/531/483>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

POMBO, O. Epistemologia interdisciplinar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. Porto, 2003. **Anais...** Porto, 2003. P.1-29. Disponível em: <http://humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2014.

RAYNAUT, C. Os desafios contemporâneos da produção do conhecimento: o apelo para interdisciplinaridade. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**. Florianópolis, v. 11, n 1, 2014, p. 1-22. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n1p1>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

RAYWARD, W. B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 48, n. 4, 1997, p. 289-300. Disponível em: <<http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/OriginsofInfoScience.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

RUBIN-OLIVEIRA, M.; FRANCO, M. E. D. P. Produção de conhecimento interdisciplinar: contextos e pretextos em programas de pós-graduação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**. Brasília, v. 12, n. 27, 2015, p. 15-35. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/558/pdf_3>. Acesso em: 18 fev. 2016.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre a ciência**. Porto, Portugal: Afrontamentos, 1996.

SANTOS, A. P. L.; RODRIGUES, M. E. F. Ciência da Informação: demarcação teórico-disciplinar e as interações interdisciplinares com a Biblioteconomia. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n.1, p. 91-100, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v26n1/a09.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SANTOS, M. S. Integração e diferença em encontros disciplinares. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 22, p. 51-60, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a05v2265.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

SARACEVIC, T. Educação em Ciência da Informação na década de 1980. **Ciência da Informação**, v.7, n.1, p.3-12, 1978. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/120/120>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 7 set. 2014.

_____. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

SETZER, W. O. Dado, informação, conhecimento e competência. **Folha Educação**, n. 27, 2004, p. 6-7. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/dado-info-Folha.html>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SHERA, J. H. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In: GOMES, H. E. (org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

_____.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 12, p. 249-275, 1977. Disponível em: <<http://www.asis.org/historyis.html>>. Acesso em: 04 set. 2014.

SILVA, A. K. A. **Redes de coautoria e produção científica em Ciência da Informação**. João Pessoa, Editora UFPB, 2015, 228p.

SILVA, A. M. **A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico**. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2006.

_____.; RIBEIRO, **Das “ciências” documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. 2.ed. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2008.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p. Disponível em: <www.posarq.ufsc.br/download/metPesq.pdf>. Acesso em: 04 set. 2014.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. A. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v. 17, n. 33, 2012, p. 1-29. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1/21708>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SOUZA, E. D. A **Ciência da Informação**: fundamentos epistêmico-discursivos do campo científico e do objeto de estudo. Maceió: Edufal, 2015. 222p.

_____. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar, Ano de obtenção: 2011.246f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

_____. O objeto de estudo da Ciência da Informação: das condições da epistemologia interdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, UFSC, 2013. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/viewFile/3992/3115>>. Acesso em: 20 set. 2015

_____; DIAS, E. J. W. A integração disciplinar na Ciência da Informação: os não-ditos sobre essa familiar desconhecida. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 52-67, 2011. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/188>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SUBRAMANYAM, K. Bibliometric study of research collaboration: a review. **Journal of Information Science**, v. 6, p. 35-59, 1983. Disponível em: <<http://jis.sagepub.com/content/6/1/33.short>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

TARGINO, M. G. Comunicação científica na sociedade tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão. **Comunicação e sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 1, p. 71-98, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/bf7aa1dbd463798efab867b9448c1841.PDF>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

THIESEN, Juares S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Percursos**, Marília, v. 13, p. 87-102, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1541>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

VANZ, S. A. S.; STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 42-55, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1105/731>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

VEYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, 256 p.

VIANA, G. V. R.; PEREIRA, E. S. Um estudo sobre o conhecimento. **Revista científica da Faculdade Lourenço Filho**, Fortaleza, v. 6, p. 93-104, 2009. Disponível em: <http://www.flf.edu.br/revista-flf.edu/volume06/V6_05.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.